

Tribuna da Luta Operária

ANO V — Nº 164 — DE 23 A 29 DE ABRIL DE 1984

Cr\$ 300,00

- Suspense na votação da emenda
 - Figueiredo ataca com emergência
 - Clamor de 6 milhões nas ruas
- A passeata de 1,5 milhão em São Paulo; as quatro manifestações que reuniram 3 milhões nas ruas; o emendão e a emergência de Figueiredo.
Páginas 3, 7 e 8

Diretas

EDITORIAL

De olho no Congresso

Já ou depois. Atrás desta questão aparentemente inofensiva desenvolve-se nestes dias uma acirrada guerra entre a democracia e a ditadura em nosso país. Mais de 6 milhões de brasileiros saíram às ruas na campanha pelas eleições diretas-já. Por seu lado, o general Figueiredo oferece "negociar" diretas-não já, através de um emendão à Constituição e, ao mesmo tempo, promete cacete para os defensores do já, através das medidas de emergência.

Os participantes dos comícios, interpretando a consciência de mais de 95% dos brasileiros, não estão dispostos a negociar nenhum prolongamento do regime militar. O povo já demonstrou cabalmente que não é tolo. Ninguém acredita na conversa fiada de que "todos estão de acordo com as diretas, só restando acertar a data". Nesta questão, de um lado estão mais de 130 milhões de cidadãos que sonham com a democracia, e que traduzem esta aspiração concretamente na palavra de ordem diretas-já. De outro lado estão os generais e a camarilha que os cerca, buscando desesperadamente manter o regime de pé, e que trazem esta manobra com a fraudulenta proposta de diretas depois.

Entre o povo e os generais situa-se uma faixa vacilante, cinzenta, que se diz a favor do já mas que se comove com qualquer aceno do regime — mesmo que seja a falcatura do emendão de Figueiredo e Leitão —, ou se amedronta com o menor pigarro dos militares. O governador Tancredo Neves, por exemplo, apressou-se a dizer que o emendão pode ser "um ponto de partida para o entendimento". E o próprio governador Montoro inexplicavelmente esqueceu-se de pronunciar a palavra já em todo o seu discurso no Anhangabaú. Nesta área oscilante, que inclui ainda elementos pró-diretas do PDS, é que o general Figueiredo tenta garimpar alguma negociação para frustrar

as diretas-já e conseguir oxigênio para seu regime moribundo.

Equivoca-se também o presidente Figueiredo ao tentar impedir, com as medidas de emergência, que o povo exerça vigilância sobre o Congresso Nacional. Hoje os tempos são outros. O gigantesco movimento de massas criou uma pressão muito mais poderosa do que uma simples caravana em Brasília.

Em cada cidade, em cada Estado, e até dentro da casa de cada parlamentar, através de sua família, a vibração cívica vai se manifestar no dia 25. Mesmo no recinto da votação, sob a redoma fascista do general Newton Cruz, os deputados e senadores não escaparão do controle da opinião pública. Na hora de proferir o seu voto, cada congressista ouvirá as batidas cadenciadas de 130 milhões de corações exigindo liberdade e diretas-já.

Os trabalhadores sempre se mostraram criativos na defesa de seus direitos. Por todo o país, cada cidadão democrata, cada trabalhador, cada entidade ou partido político, cada comitê unitário pró-diretas tomará iniciativas para realizar a vigília nacional nesta semana, e em particular no dia 25. Nas principais praças, nos locais de trabalho, nos bairros, o povo se reunirá para aguardar o resultado. E gravará o nome de cada representante no Congresso, classificando-o como cumpridor dos deveres que lhe são conferidos pelo voto, ou como traidor da pátria e lambe-botas da ditadura. Ao mesmo tempo, em cada local, o povo estará pronto para dar o primeiro viva, e festejar o alvorecer da democracia, ou proferir a primeira praga e iniciar nova fase da luta, em nível superior.

O já representa a força da vontade popular e o repúdio a qualquer contemporação com o regime. Neste simples já concentra-se hoje a esperança de liberdade e de progresso para o Brasil.

Mulheres vão a Brasília

Caravanas de 12 Estados pressionam o PDS pelas diretas. Pág. 4

Metalúrgicos de São Paulo terão Sindicato renovado

Vital, Juruna, Neleu e Xepa explicam porque integram a Chapa 1. Página 5

Ronald Reagan trava guerra suja contra Nicarágua sandinista

A CIA instalou minas nos portos do país e fomenta invasão militar aberta. Pág. 2

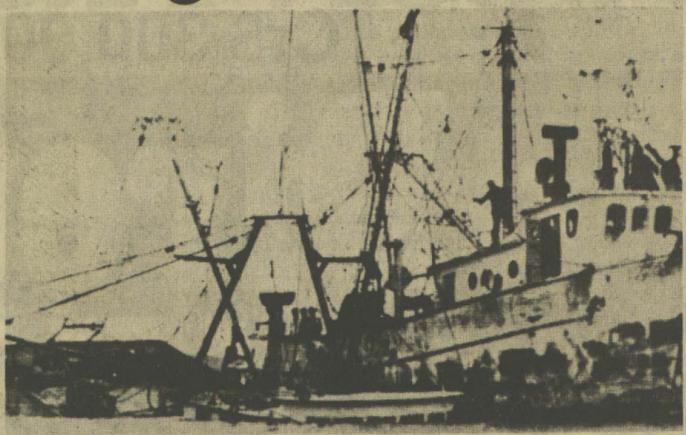


CDIM
Centro de Documentação e Informação
Fundação A. A. Moura
A CIA instalou minas nos portos do país e fomenta invasão militar aberta. Pág. 2

EUA aperta o cerco contra a Nicarágua Sandinista

EUA reforça aliança imperialista com a China

A Nicarágua está sob cerco militar. A partir de bases militares em Costa Rica e Honduras, utilizando os mercenários das organizações contra-revolucionárias Arde e FDN, o governo Reagan está atacando o país de Sandino. Os portos no Atlântico e no Pacífico foram minados pela CIA, e o governo nicaraguense apelou para a intermediação da Corte Internacional da Justiça, da ONU.



Um pescador vai a pique no porto Corinto, por causa da minas da CIA

O serviço do imperialismo ianque, Edén Pastora, chegou a anunciar a formação de um "governo provisório dentro de 90 dias", após seu grupo, Arde, tomar um vilarejo, San Juan del Norte, no Sul nicaraguense. Mas quando encerramos esta edição, os sandinistas já desencadeavam uma poderosa contra-ofensiva na área, e a Arde anunciava sua retirada do local.

Ao norte do país, em Jinotega, Madriz, Nova Segóvia, Esteli e Matagalpa, continuavam os ataques da FDN, outra organização pró-ianque, com 8 mil homens. Trata-se da maior invasão à Nicarágua (os mercenários têm suas bases em Honduras e Costa Rica), des-

de a vitória dos Sandinistas, em 1979.

Simultaneamente, nos portos de Corinto e Sandino, no Pacífico, e El Bluff, no Atlântico, a CIA instalou 2 mil minas, que já danificaram 10 embarcações, pondo a pique dois pesqueiros e atingindo 5 navios estrangeiros. Até mesmo membros do Partido Republicano, de Reagan, consideraram a medida como um injustificável "ato de

guerra" contra a Nicarágua. Com os portos minados, o país sofre sérios problemas econômicos. Pelo porto de Corinto, por exemplo, passam 75% do comércio externo nicaraguense. Mais de 5 mil toneladas de mercadorias foram perdidas, inclusive mil de leite e manteiga. Até o comércio entre a Nicarágua e os EUA, que em 1983 cresceu 11%, chegando a 132 milhões de dólares, está prejudicado: as empresas de navegação Hapag Lloyd Inc. e Gracolumbiana New York Inc. suspenderam suas rotas para o pequeno país centro-americano.

O POVO DESAPROVA
A ofensiva anti-sandinista acirra, contudo, as divergências dentro do próprio EUA. O senador republicano Goldwater manifestou-se preocupado com "o perigoso estado mental de um presidente que não faz outra coisa senão optar por meios militares toda vez que se vê diante de problemas internacionais complexos". Uma pesquisa demonstrou que 61% dos norte-americanos são contrários à política de Reagan na América Central. No dia 17, a polícia investiu com casquetes contra uma manifestação em San Francisco, onde jovens ianques gritavam: "CIA, fora da Nicarágua!" Entretanto o governo afir-



ma que sua ação é de "legítima defesa coletiva, em resposta a ataques armados", como disse a embaixatriz dos EUA na ONU, Jeanne Kirkpatrick, embora seu país não esteja sendo atacado.

POVO ARMADO

Essa situação extremamente penosa levou o governo sandinista a recorrer à Corte Internacional de Haya, da ONU, denunciando que seu território foi "invadido por uma força militar organizada e dirigida pelos EUA e que, além disso, foram colocadas minas em seus portos". A Casa Branca, que no passado recorreu a essa mesma Corte (contra o Irã, quando sua embaixada foi sitiada em Teerã), agora nega sua validade como fórum internacional. Ao mesmo tempo, o arrogante Reagan anunciou que "a América Central é vital para nossos interesses e nossa segurança" (dos EUA), arvorando-se assim o direito de intervir no país.

A Nicarágua, no entanto, não possui nenhuma base militar estrangeira e suas Forças Armadas não têm armas sofisticadas, nem helicópteros ou aviões como os fornecidos pelos EUA a El Salvador, Honduras, ou aos contra-revolucionários somozistas. O país convocou toda a sua população para defender-se dos agressores ianques e seus agentes. O ministro das Relações Exteriores, Miguel D'Escoto, anunciou: "Somos o único país da América Latina que teve a coragem de armar o seu povo".

Os nicaraguenses solicitaram ajuda de outros países — inclusive Brasil — para desativar as minas instaladas pela CIA nos seus portos. Para isso são necessários equipamentos complexos, que a Nicarágua não possui. Assim, os sandinistas têm buscado "pescar" as minas com redes, numa operação de alto risco, que já custou a vida de oito soldados. A Nicarágua necessita imperiosamente, portanto, da solidariedade dos povos para fazer frente à ofensiva ianque. (Carlos Pompe)

O governo chinês anunciou que até o final de 1983 as firmas norte-americanas investiram 696 milhões de dólares na China e criaram 21 sociedades mistas sino-americanas. No final deste mês, o presidente ianque, Ronald Reagan, visitará Pequim, para entabular novas negociações e acordos com os social-imperialistas chineses.



Nixon e Mao: a união em 1972

Os entendimentos de cúpula entre o chefe norte-americano e os dirigentes revisionistas chineses constituirão mais um lance do complicado jogo da diplomacia secreta dessas potências imperialistas, tendo em vista a consolidação de seus laços de amizade em detrimento dos povos, particularmente do Sudeste Asiático, da paz e da segurança internacionais.

Embora para efeito propagandístico os chineses façam declarações de apoio aos povos em luta, urdia complôs contra as lutas de libertação nacional, principalmente na Ásia, e respaldava regimes reacionários e fascistas.

COOPERAÇÃO MULTILATERAL

É nesse sentido que já se encontram em fase final de elaboração diversos acordos econômicos e militares entre os dois países. O mais importante é um acordo de cooperação nuclear que prevê o fornecimento, por parte dos EUA, de tecnologia e equipamentos para usinas nucleares, e a produção de artefatos atômicos de grande poder destrutivo.

DIPLOMACIA SEM PRINCÍPIOS

A China nunca teve nem praticou uma política externa firmemente baseada no marxismo-leninismo. Mesmo quando, por conveniência política, agitava slogans revolucionários, proclamava uma coisa e fazia outra. Conforme soprassem os ventos, mudava inopinada-

mente o rumo geral de sua política, ora adotando posições centristas frente ao revisionismo kruschovista admitindo a formação de uma suposta frente mundial imperialista com a participação de Moscou, ora apresentando EUA e URSS como os inimigos principais a combater. E enquanto jurava apoio aos povos em luta, urdia complôs contra as lutas de libertação nacional, principalmente na Ásia, e respaldava regimes reacionários e fascistas.

Foi na esteira dessa política conjuntural, e como resultado do ecletismo do "pensamento Mao Tsé-tung", logo transformado em ideologia revisionista dum grande Estado aspirante à condição de superpotência, que surgiu a tristemente célebre "teoria dos três mundos", elaborado com Mao Tsé-tung ainda vivo. Por essa "teoria", o principal e único inimigo a combater seria o "hegemonismo soviético", justificando-se a aliança com os EUA, o Japão, a Europa Ocidental e toda a reação mundial.

O plano dos revisionistas para converter a China numa superpotência baseia-se na ajuda econômica, financeira e militar do Ocidente. Vários tratados foram assinados, como o Acordo de Cooperação Comercial com os países do Mercado Comum Europeu, o Tratado de Paz e Amizade com o Japão, ambos em 1978, e os convênios com os EUA, a partir de 1979.

Assim, a política revisionista levou a China a escancarar suas portas ao capital estrangeiro e tornou sua economia totalmente capitalista, dependente dos investidores norte-americanos, europeus e japoneses. (José Reinaldo Carvalho)

A "Revolução dos Cravos" faz 10 anos

Há exatamente 10 anos, no dia 25 de abril de 1974, o povo irmão de Portugal pôs fim à ditadura salazarista de quase 50 anos abrindo uma profunda crise revolucionária no país. Este movimento entrou para a história como a "Revolução dos Cravos".

Grândola Vila Morena
Terra da fraternidade,
O povo é que mais ordena
Dentro de ti, ó cidade.

Estes versos de José Afonso, tocados nas rádios portuguesas na madrugada de 25 de abril de 1974, deram a senha para o golpe do Movimento das Forças Armadas (MFA) contra o decadente regime salazarista. Os militares revoltosos buscavam uma solução negociada para a guerra contra os movimentos de libertação na África que já se arrastava há 14 anos, e promover alguma forma de liberalização política interna.

Mas o povo tomou as ruas e transformou-se no verdadeiro dono da festa. Os tanques dos revoltosos foram envolvidos por gigantescas multidões que ostentavam cravos vermelhos. A odiada polícia política de Salazar é desmantelada e seus agentes, caçados nas ruas. Milhares de populares cercam a prisão de Caxias e libertam os presos políticos. Os exilados voltam para casa.

DISPUTA PELO PODER

Começa então uma disputa permanente pelo futuro do movimento dos "Capitães de Abril". A Junta de Salvação Nacional, presidida pelo general Spínola, tenta limitar o processo de liberalização política e impor uma solução neocolonial para as colônias africanas. Os trabalhadores, numa avalanche de greves e manifestações, exigem o aprofundamento da liberdade e a independência imediata das colô-

nias. Um bom número de oficiais do MFA, como o major Otelosaraiva de Carvalho, são arrastados pela maré popular. Soldados enviados para reprimir as manifestações confraternizam-se com os trabalhadores. A direita, encabeçada por Spínola, é forçada a ceder posição atrás de posição.

O imperialismo incrementou um plano para um golpe de força de Spínola. Os grandes bancos internacionais suspenderam todos os financiamentos para Portugal. O Banco Mundial cancelou as negociações e empréstimos para o país. Os fornecedores estrangeiros exigiram o pagamento adiantado das encomendas. A embaixada dos EUA em Lisboa articulou uma gigantesca "fuga" de capitais para o exterior.

SABOTAGEM ECONÔMICA

As tentativas de golpe, em 28 de setembro de 1974 e 11 de março de 1975, foram derrotadas pelos trabalhadores, que ergueram barricadas em Lisboa. Os setores burgueses reacionários sabotaram a economia, estocando mercadorias e impondo aumentos astronômicos dos preços. Os trabalhadores responderam com a ocupação de empresas, muitas das quais passaram a funcionar sob o "controle operário".

Depois do golpe frustrado de 11 de março, há uma autêntica explosão revolucionária. As empresas ocupadas são nacionalizadas, abrangendo o conjunto do setor financeiro, as empresas do capital monopolista e mesmo algumas multinacionais. Casas desocupadas são tomadas por associações de moradores, que as distribuem para famílias dos "bairros da lata" — as favelas portuguesas. Em toda a região Sul do país, no Alentejo e Ribatejo, os trabalhadores agrícolas conquistam a reforma agrária radical, expropriando e transformando os latifúndios em unidades coletivas de produção. A classe operária de Lisboa e os trabalhadores agrícolas do Sul são a força motriz das transformações, com ações cada vez mais radicais.

A explosão revolucionária desemboca no "Verão Quente" de 1975.



A "Revolução dos Cravos" traz importantes lições para o proletariado e os povos

O imperialismo e os setores mais reacionários da burguesia instrumentalizam o Partido Socialista de Mário Soares, e ameaçam o país com uma guerra civil que seria desencadeada do Norte. Entre as massas, formam-se os germes de um autêntico poder popular paralelo — os Órgãos de Vontade Popular, que interligavam comissões de trabalhadores, soldados, camponeses, estudantes etc., eleitas em grandes assembleias.

As Forças Armadas entram em processo de franca desagregação e, no auge da crise, os soldados montam suas próprias comissões e plenárias quebrando toda a hierarquia do exército burguês. A vacilação do MFA leva à formação do sexto governo provisório em menos de 17 meses. Todo este processo culmina com o golpe contra-revolucionário de 25 de novembro, encabeçado pelo general Ramalho Eanes, o qual inicia um processo de liquidação das conquistas revolucionárias que dura até hoje.

A derrota do movimento revolucionário português em 74-75 encerra algumas importantes lições. O problema crucial foi a ausência de um partido revolucionário da classe operária. O Partido Comunista Português (Reconstruído) foi fundado em 1975, depois da derrota da maré revolucionária. Antes havia diversos grupos marxistas-leninistas que menosprezavam o trabalho sério na classe operária. No caso do campesinato pobre do Norte, a falta de um trabalho revolucionário consequente permitiu que ele fos-

se instrumentalizado contra os trabalhadores do Sul na ameaça de guerra civil. Não se ergueu a aliança operário-camponesa como força impulsora das transformações revolucionárias.

INFLUÊNCIA REVISIONISTA

Contudo o maior problema é que as massas ficaram sob a influência do PCP revisionista. O partido de Cunhal manteve a linha de "Aliança Povo-MFA", colocando o movimento revolucionário sob a tutela dos oficiais progressistas. Em momento algum foi colocado de forma consequente a necessidade de preparar o povo para a luta e formar milícias populares para defender a revolução. Os oficiais do MFA vacilaram perante as ameaças de guerra civil, recuando e abrindo espaço nas Forças Armadas para o golpe reacionário de 25 de novembro.

Assim, se a classe operária foi a força motriz principal de toda a "Revolução dos Cravos", a sua ação não foi dirigida por uma concepção proletário-revolucionária clara. Ficou presa a uma direção pequeno-burguesa, que oscilava entre um aventureirismo extremista em alguns momentos, e uma conduta tímida e receosa das ações de massa na maior parte do tempo. Terminamos com os versos de Chico Buarque:

Já murcharam tua festa (flores?) na
Mas certamente esqueceram uma
semente
N'algum canto de jardim

(Luís Fernandes)

Apoiar a Tribuna Operária é uma grande honra para mim!

"Fiz os primeiros mutirões da Tribuna Operária na Bahia e isso muito me honrou. A Tribuna Operária é o único jornal que transmite corretamente as lutas, as derrotas parciais e as conquistas da classe operária e dos seus aliados principais, os trabalhadores da cidade e do campo. Um jornal que espelha a luta pelo objetivo final da classe operária, o socialismo, e o objetivo imediato, que são as eleições diretas-já. Fora Figueiredo! Fora o Regime Militar!"



Washington José de Souza, líder da oposição sindical dos trabalhadores na Construção Civil de Salvador e ex-presidente do Sindicato dos Oficiais Eletricistas de Salvador, cassado junto com a carta sindical da entidade pela ditadura militar em 1964.

Desejo receber em casa a Tribuna Operária. Envio cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda, no valor abaixo assinalado. Rua Adonir Barboza, 53, Bela Vista, São Paulo, SP. CEP 01318.

() Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 20.000,00
 () Anual comum (52 edições) Cr\$ 10.400,00
 () Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 9.000,00
 () Semestral comum (26 edições) Cr\$ 4.500,00
 () Anual no exterior US\$ 70,00

Nome: _____
 Endereço: _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____
 CEP: _____ Profissão: _____ Data: _____



Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Paulistas farão vigília para acompanhar votação

O povo brasileiro se prepara para acompanhar atentamente a votação da emenda Dante de Oliveira, na próxima quarta-feira. Para os dias 24 e 25 estão programadas manifestações em todo país como forma de pressionar os parlamentares do PDS, criando um clima de "Vigília Nacional", no estilo da Copa do Mundo. Em São Paulo a programação é intensa, conforme o estabelecido na reunião do Comitê Paulista Pró-Diretas, dia 18.

No dia 24, às 20 horas, será feita a "Noite do Barulho", quando milhares de paulistanos deverão soltar fogos de artifício "para que os deputados e senadores ouçam o clamor da nação". A partir de segunda-feira os comitês populares venderão os rojões a preços mais baratos. Já no dia da votação ocorrerão concentrações em pelo menos 30 praças públicas da capital e na praça da Sé, onde funcionará o comando da "Vigília". Como o regime militar decretou as "medidas de emergência" que proibem a transmissão pela TV da sessão do Congresso Nacional, o comando terá um telefone em ligação direta com Brasília e os manifestantes serão informados constantemente sobre a posição dos parlamentares. Também haverá o jogo "Diretas X Indiretas", promovido pelo Comitê do Centro, e um enterro do Colégio Eleitoral, feito pelas entidades secundaristas.

O Comitê Paulista também apela para que todos os trabalhadores usem a cor amarela durante o trabalho. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo promete fazer comícios nas 30 maiores fábricas da capital. A União Nacional dos Estudantes convoca os estudantes universitários à paralisação nacional.

Passeata reúne 50 mil nas ruas de Salvador

Mais de 50 mil pessoas participaram no último dia 18 da caminhada pelas diretas em Salvador, promovida pelo Comitê Baiano Pró-Diretas. A manifestação política foi das mais animadas, com a presença de trio elétrico e dos blocos carnavalescos Panela Vazia, Filó e Sofia e Afoxé Quilombos. O bancário Paulo dos Santos e amigos carregaram um caixão com os dizeres "Indiretas Jaz". Entre os oradores, o deputado pernambucano Miguel Arraes, o ex-candidato a governador pelo PMDB Roberto Santos e o Consultor Geral da República cassado pelos militares Waldir Pires. Péricles de Souza discursou em nome da Comissão Estadual pela Legalidade do PC do Brasil, que teve destacada participação na passeata. O deputado Haroldo Lima foi o último orador do comício, na Colina do Bonfim, criticando as manobras do governo militar.

Ipatinga faz o maior ato do interior de Minas

No maior comício do interior de Minas Gerais, mais de 50 mil pessoas participaram da manifestação pelas diretas em Ipatinga, no último dia 14. Localizada no Vale do Aço, Ipatinga é um importante centro industrial, com 180 mil habitantes. Já no dia 17, outra cidade de concentração operária, João Monlevade (500 mil moradores), realizou um comício com 6 mil participantes. Nele falou inclusive o deputado Paulino Cícero, do Grupo Pró-Diretas do PDS, que reiterou seu apoio a emenda Dante de Oliveira. E em Belo Horizonte, na mesma data, era inaugurado o Placar Eleitoral, na praça da Rodoviária, após uma passeata com 800 pessoas.

Manifestações sacodem o interior de Alagoas

No último final de semana, as manifestações políticas sacudiram o interior de Alagoas, com os sertanejos reivindicando reforma agrária e eleições diretas-já. No sábado, dia 14, cerca de 1.500 reuniram-se na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santana do Ipanema. No domingo, 2 mil javadores participaram do ato em Delmiro Gouveia, que contou inclusive com a presença do prefeito Petrucio Bandeira, do PDS. E no mesmo dia, mais de 4 mil camponeses se comprimiram na praça de Pariconha, carregando faixas e cartazes pelas diretas. Para o dia 24 está programada uma passeata em Maceió, com caravanas do interior. A "Tocha das Diretas", carregada por professores e estudantes da Universidade Federal, será a novidade da manifestação.

Paraibanos nas ruas no dia da votação da emenda

Para o dia da votação da Emenda Dante de Oliveira, o Comitê Pró-Diretas da Paraíba já tem a sua programação: ele pretende ocupar o calçadão no centro de João Pessoa e realizar comícios e passeatas em seis bairros de grande concentração popular. A Intersindical realizará manifestações no Ponto dos Cem Réis, a partir das nove horas, acompanhando a votação pela imprensa e no Painel das Diretas. Na reta final da campanha foram feitos vários comícios no Estado. Em Alagoa Grande (30 mil habitantes) cerca de 3 mil trabalhadores realizaram um ato no último dia 7. E no dia 12 houve uma passeata pelas ruas centrais de João Pessoa com a participação de 3 mil populares.

Apesar da chuva, 8 mil no comício de São Luis

Apesar da chuva, mais de 8 mil populares participaram da passeata e comício em São Luis, no Maranhão, no último dia 17. "Diretas já, Fora Figueiredo e o regime militar", gritavam os manifestantes. A presença do PC do Brasil foi marcante, com distribuição de panfletos e adesivos. Dilermando Toni, da Comissão Estadual pela Legalidade do PC do B, foi bastante aplaudido em seu discurso. No comício da Praça Deodoro também falaram líderes sindicais, populares, estudantes e parlamentares, entre eles o deputado estadual Luis Pedro. Dois dias antes, cerca de 5 mil pessoas participaram do comício em Imperatriz, no interior maranhense.

Governo parte para a revanche

Em apenas uma semana, mais de 3 milhões saíram às ruas pelas diretas-já, nas manifestações do Rio de Janeiro, Goiânia, Porto Alegre e São Paulo. As medidas de emergência em Brasília e Goiás, assim como o emendão com diretas só para o sucessor do sucessor, foram a reação desatinada do general Figueiredo, acuado pela viragem no movimento de massas.



Em São Paulo, a notícia do emendão forjado por Figueiredo e Leitão de Abreu para resistir às diretas-já foi recebida com um vaia ensurdecadora. O mesmo aconteceu em Vitória, onde as medidas de emergência detonaram uma vaia de cinco minutos. Em Brasília, a emergência teve pronta resposta do movimento democrático. São manifestações significativas do sentimento dos brasileiros. "Chega de generais!" é o pensamento dominante, como demonstram também os calorosos aplausos, nos comícios, cada vez que se aponta a negociação com as diretas-já como traição ao povo.

Milhões de pessoas que nunca participaram antes de um movimento político ganharam as ruas revelando a esperança de mudanças que brota na mente de todos. O ódio guardado no peito durante 20 anos encontra um escoadouro concreto e que o povo considera viável: a conquista da liberdade através das diretas-já.

A multidão forja uma profunda consciência de que a unidade é sua arma mais preciosa. Por mais que as autoridades de Brasília espalhem versões alarmistas sobre badernas e desordens, os fatos falam mais alto: arruaças mesmo são as movimentações de tropas e as manobras com tanques na capital federal, onde hoje impera todo poderoso o general Cruz.

A TÁTICA DO PLANALTO

Em choque frontal com o entusiástico crescimento da mobilização e da consciência das massas, o governo federal comporta-se como uma fera acuada. Há dias, o general Ludwig afirmava que com a campanha das diretas-já "estão querendo apelar para a bagunça e a violência". Na noite de quarta-feira dia 18, vieram medidas de emergência, cercando Brasília com um cinturão repressivo para impedir que o povo tenha contato com os parlamentares, ainda que seja através da transmissão pelo rádio e TV da votação no Congresso dia 25.

É com este acompanhamento que se apresenta o emendão enviado por Figueiredo ao Legislativo, segunda-feira dia 16. Isolado e derrotado politicamente, o governo admite a contragosto que as eleições diretas são irreversíveis. Mas tenta fraudar a inteligência nacional negando as diretas-já e jogando o voto popular para 1988.

O próprio texto da emenda Figueiredo-Leitão é uma confissão de fracasso. Arrola um amontoado de questões menores, com certas concessões à oposição, mesmo estas menores do que as anunciadas, como iscas para os vacilantes, para tentar passar o essencial, a negação das diretas-já.

Com a emergência decretada, transparece mais claramente a jogada que Figueiredo apresentou cinicamente como "um esforço para a negociação". O que o presidente oferece é um convite à traição. Uma arapuca para, na confusão, tentar a derrota da emenda Dante de Oliveira.

CLIMA DE SUSPENSE

Embora esta tática seja autodesmoralizante, é por demais conhecida a fragilidade das convicções de certos oposicionistas e muitos dissidentes do PDS. Após conversas com Figueiredo na semana passada, em que o presidente disse que "se a emenda Dante de Oliveira for aprovada poderá ocorrer um novo 64", alguns destes últimos já trocaram de bandeira.

Isto cria no país um clima de tal suspense que por si só já levaria à grande vigília cívica decidida pela Coordenação Nacional Pró-Diretas. O povo espera a aprovação da emenda Dante de Oliveira. Mas paira o risco de que a violência e a chantagem do Planalto saiam por cima nesta batalha — a primeira batalha pelas diretas-já. O regime terá criado então um clima de confronto aberto: de um lado a quase unanimidade dos brasileiros, a maioria absoluta do Congresso Nacional, englobando parte da bancada do próprio PDS; de outro, uma minúscula cúpula, encabeçada pelos generais, mergulhada na corrupção e na traição nacional.

Seja como for, o ascenso do movimento de massas deverá prosseguir, para comemorar a vitória e conquistar novos espaços para a liberdade, ou para retomar num nível superior o combate pelas diretas-já. O avanço da marcha democrática ou a radicalização do quadro político dependerão em grande parte da atitude dos donos do poder. Estes podem reconhecer o fracasso e recuar de sua arrogância, ou partir para o desatino. De uma ou outra forma, não poderão deter o povo nesta nova página da história do Brasil que a campanha das diretas inaugurou.

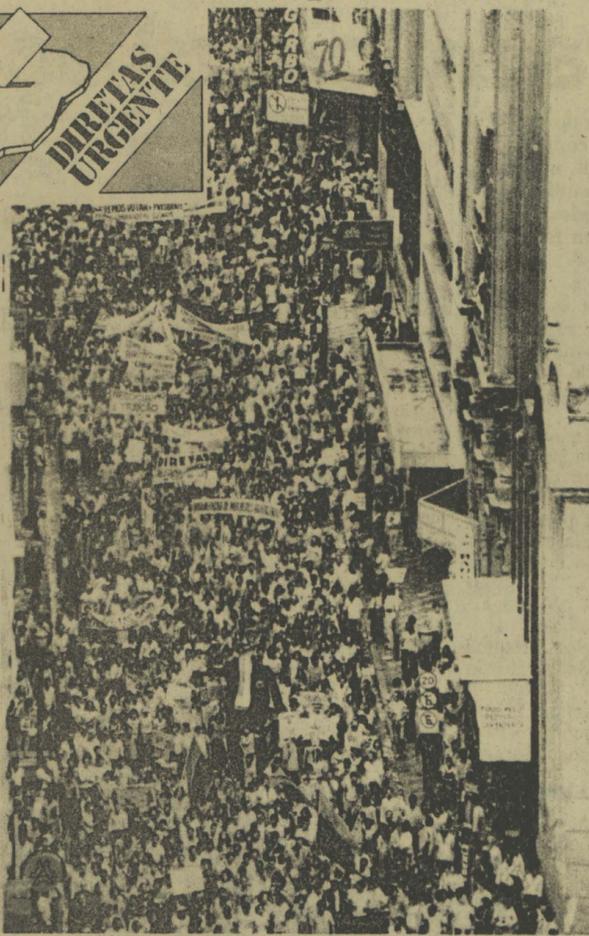
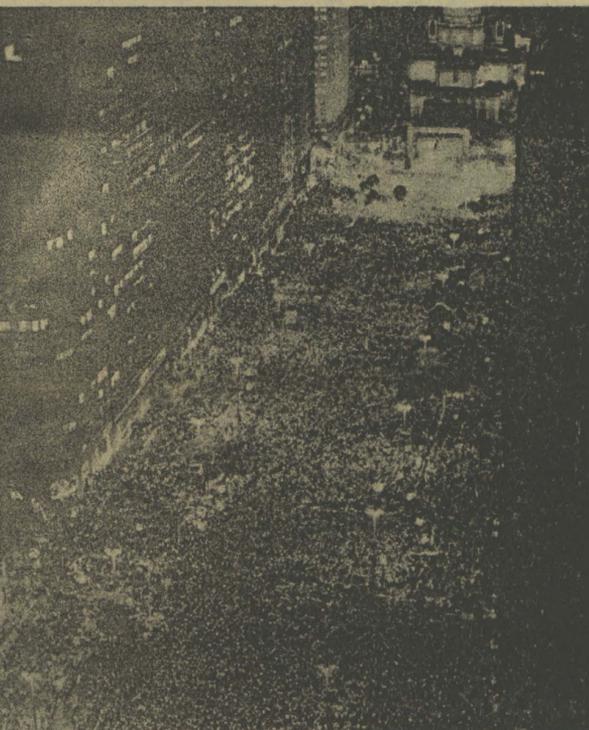


Foto: L. Carlos Leite



Ricardo Chaves

Passeata em São Paulo, comício no Rio; em uma semana, 3 milhões na rua



Newton Cruz: pressionando o Congresso

Brasília está mais uma vez sitiada

Com o vexaminoso pretexto de "impedir o cerceamento da liberdade de manifestação dos congressistas", o general Figueiredo decidiu mais uma vez, na última quarta-feira, sitiar Brasília com medidas de emergência.

Isto significa o direito de prender, intervir em entidades, invadir comícios, impedir reuniões, censurar a imprensa, por decisão unicamente do executor destas medidas, no caso o general Newton Cruz, incapaz de conviver com as mais elementares regras da democracia.

Chama a atenção a decisão de impedir as transmissões diretas da televisão no recinto do Congresso, e a obrigatoriedade de apresentar todos os taipes à Polícia Federal, assim como a proibição de qualquer transmissão de rádio sem prévia autorização.

Ou sejam os eleitores e o público em geral não podem saber o que os parlamentares — que estão no Congresso para representar o povo — estão fazendo na votação da emenda Dante de Oliveira. Provavelmente os deputados e senadores não poderão também ser fiscalizados pela presença direta do povo nas galerias, como já aconteceu antes, na votação do decreto 2.065. Só serão observados diretamente pelo general Newton Cruz.

A capital de luto contra emergência

A Executiva do Comitê Pró-Diretas de Brasília decidiu reagir às medidas de emergência decretadas pelo regime militar.

O Comitê lançou uma nota de repúdio à medida arbitrária do governo federal. Propôs que a partir desta quinta-feira, 19, os brasilienses se vistam de luto protestando contra o cerceamento ao Congresso. No dia 24, véspera da votação da emenda Dante de Oliveira, a população do Distrito Federal deverá fazer uma "tarde do barulho": a partir das 18 h. baterão panelas, à exemplo dos "cacerolazos" no Uruguai e outros países latino-americanos onde a opressão dificulta formas mais avançadas de luta. Das 20:45 às 21 h., a população apagará as luzes da cidade, prosseguindo o movimento de protesto.

No dia 25, pela manhã, os brasilienses despertarão às 8 h. ao som de novo barulho generalizado na cidade. Pela tarde, às 17 h., a população estará em peso em frente ao Congresso, para acompanhar a votação da emenda. O Comitê Pró-Diretas também entrou em contato com outros Estados da federação, pedindo manifestações imediatas de repúdio à medida de emergência decretada pelo general Figueiredo. (da sucursal)

Um "emendão" para negar diretas já

O "emendão das indiretas", que o general Figueiredo enviou ao Congresso dia 16, apresenta 58 propostas de alterações na Constituição. O essencial é a rejeição das diretas já e a manutenção do Colégio Eleitoral para a sucessão em 1985. Mas as propostas abarcam também as eleições presidenciais em 1988, o orçamento da República, as viagens presidenciais ao exterior etc.

Na pressa de investir contra as diretas, o governo descuidou da redação do projeto. O artigo 176, por exemplo, refere-se ao "ensino primário" que, desde 1971, com a Lei 5.692, foi substituído pelo "ensino de primeiro grau", que congrega os antigos "primário" e "ginásio". Também o artigo 198, sobre os índios, é contraditório: considera que devem "ser preservados os seus valores culturais", mas determina "a sua progressiva e plena integração na comunidade nacional", com o que os valores culturais indígenas deixam de ser "preservados".

Para o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, as diretas-já são "a mensagem enviada pelo povo ao Congresso Nacional". O deputado Aldo Arantes, do PMDB goiano considerou o emendão "frágil, inconsistente e impopular". Quando a nação exige diretas-já, qualquer proposta que não contemple essa vontade popular não pode ser levada a sério.

O deputado Farabulini Jr., do PTB paulista, afirmou que Figueiredo "acena com medidas inócuas, descabidas, despropositadas e inoportunas, que não servem para convencer quem quer que seja. Não há negociação nestes termos". Até mesmo o deputado Tarcisio Buriti, do PDS paraibano, descartou a emenda: "Discordamos dela no fundamento, que são diretas-já. Queremos eleições diretas agora, e não em 88. Por isso, vamos votar na emenda das diretas-já".

A virada de abril

Quatro manifestações que mudaram a qualidade da campanha pró-diretas:

Dia 10, Rio de Janeiro	1.200.000
Dia 12, Goiânia	300.000
Dia 13, Porto Alegre	200.000
Dia 16, São Paulo	1.500.000

Outras manifestações de abril:

DIA	ESTADO	CIDADE	PRESENTES
1	Paraná	Foz do Iguaçu	4.000
2	Paraná	Londrina	50.000
5	Pernambuco	Recife	60.000
6	Rio G. do Norte	Natal	100.000
6	Bahia	Itabuna	30.000
6	Rio de Janeiro	Campos	5.000
7	Pernambuco	Petrolina	30.000
7	Paraíba	Alagoa Grande	3.000
12	Rio G. do Sul	Santa Maria	15.000
12	Paraíba	João Pessoa	3.000
13	Minas Gerais	Ipatinga	50.000
13	Bahia	Jequié	8.000
14	Rio G. do Sul	Pelotas	25.000
14	Minas Gerais	Rio Grande	5.000
14	Bahia	Itabira	20.000
14	São Paulo	Ipiaú	5.000
14	São Paulo	São Paulo (Lgo. 13)	4.000
14	Alagoas	Santana	1.500
15	São Paulo	S. José dos Campos	10.000
15	Maranhão	Imperatriz	5.000
15	Bahia	Guanambi	4.000
15	Alagoas	Pariconha	4.000
15	Alagoas	Delmiro Gouveia	2.000
17	Maranhão	São Luis	8.000
17	Minas Gerais	João Monlevade	6.000
18	Bahia	Salvador	50.000
18	Espirito Santo	Vitória	100.000
—	Bahia	Xique-Xique	1.000
—	Mato Grosso	Pocoró, Quiratinga e Torixéu	15.000

Total de abril	3.840.000
Total de janeiro	775.000
Total de fevereiro	909.000
Total de março	727.000

TOTAL DE 84: 6.251.000

Observação: foram computados apenas comícios e passeatas com mais de mil presentes e a relação é ainda incompleta

200 mil gaúchos exigem Diretas-Já sem conciliação

"1, 2, 3, 4, 5 mil, queremos eleger o presidente do Brasil", foi o brado unânime dos 200 mil gaúchos que compareceram ao comício pelas diretas, no dia 13 de abril, no Largo da Prefeitura, em Porto Alegre. Foi a maior manifestação política já ocorrida no Rio Grande do Sul. Todos os oradores condenaram o regime militar e ninguém falou em "conciliação" e "negociação".

A concentração superou as expectativas, que previam 100 mil participantes. Desde às 9 horas da manhã era grande o movimento no Largo da Prefeitura e aos poucos a praça foi se enchendo de gente. A partir das 16 horas, o público já era compacto nas imediações do palanque. Dezenas de bandeiras e faixas coloriam o ambiente. Uma delas respondia às insinuações do general Rubem Ludwig, chefe da Casa Militar do Planalto: "Desculpe a bagunça, mas estamos de mudança. Uma mudança política que pretende varrer de uma vez por todas a ditadura aqui instalada, a contragosto popular, há 20 anos".

O locutor das diretas, Osmar Santos, comandou a festa. Um vereador e um deputado estadual do PDS falaram no ato, afirmando que ali estavam "para dizer não ao Colégio Eleitoral e apoiar a luta pelas diretas". Entre os artistas nacionais, compareceram Walmor Chagas, Fafá de Belém e Kleiton e Kledir. A du-

pla gaúcha, após se pronunciar pelas diretas, cantou "Vira-virou" acompanhada pelo público, e Fafá de Belém encerrou o comício cantando o Hino Nacional.

Fafá disse à **Tribuna Operária** que "a luta pelas diretas não termina no dia da votação da emenda, mas que a exemplo da luta pela anistia vai até o fim". Ela empolgou o público quando interpretou o hino das diretas, "O Menestrel das Alagoas". Vários artistas regionais também participaram, entre eles Jerônimo Jardim, Cenair Maicá, Nelson Coelho de Castro, Airton Pimentel, Jayme Caetano Braun, Adão Preto e o conjunto Paulo Silva e Os Bombachudos.

CRÍTICAS AO REGIME

Todos os pronunciamentos oposicionistas foram marcados pela combatividade e firmeza no repúdio ao governo dos generais. O vereador André Forster, de Porto Alegre, afirmou que "chegou a vez do povo" e o deputado Dante de Oliveira, do PMDB, enfatizou

que "não há governo capaz de segurar a vontade do povo". O dirigente da UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), Rodrigo Dias, lembrou a participação da juventude nas campanhas democráticas e populares ao longo da história e que também agora os "estudantes lutam pelas Diretas-Já".

O senador do PMDB, Pedro Simon, asseverou que "o nosso adversário está no governo e é preciso derrubá-lo, para tanto é necessário a unidade popular para o povo avançar". Lula, presidente nacional do PT, afirmou que "baderna quem promove é o PDS, não o povo que vai aos comícios porque quer paz, moradia, quer estudar, co-

mer e quer votar". Paulo Paim, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas e coordenador da Central Estadual de Trabalhadores, disse que "as eleições diretas são um fato consumado, uma proposta apoiada por toda a nação; um direito soberano do povo".

O governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, lembrou que "esta é uma campanha que não tem dono. O povo anseia por democracia, onde todas as ideias políticas possam se expressar livremente". O presidente nacional do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, destacou que as eleições diretas constituem um anseio nacional de todo um povo e significa o reencontro da Nação com a liberdade e o patriotismo" (da sucursal)

Mensagem do PC do B

O Partido Comunista do Brasil teve uma intensa participação no comício de Porto Alegre. O povo ouviu com atenção o pronunciamento do dirigente comunista João Amazonas que falou em nome da Comissão Nacional pela Legalidade do PC do B. Ele afirmou que "ecoou em toda parte a voz do povo brasileiro exigindo o direito de pôr na urna seu voto. Só o povo deve decidir os rumos da pátria. Ele precisa ser o senhor do seu destino. Basta de tutela militar".

Falando do entreguismo e da corrupção que infestam o governo, Amazonas disse que estamos assistindo à "degradação completa do regime que chegou ao fim, pois já passou a época em que alguém podia falar com as armas para impor sua opinião. Hoje a opinião popular se impõe nas praças públicas". O ex-eputado constituinte destacou "a necessidade da mais ampla unidade e da or-



Amazonas: "Basta de tutela militar"

ganização popular para que o povo faça valer seus interesses e conquiste a democracia, onde o Partido Comunista do Brasil possa atuar legalmente". Amazonas ressaltou ainda que "a conquista das eleições diretas significa pôr fim ao reinado dos generais e a obtenção da liberdade".

Mais de uma dezena de bandeiras e estandartes do PC do B foi afixada e empunhada pelo povo, imprimindo um colorido maior ao grande comício.



As caravanas de mulheres concentraram-se na rampa do Congresso e realizaram o ato

Seis mil mulheres no Congresso Nacional

Cerca de 6 mil mulheres vestiram terça-feira o Congresso Nacional de amarelo quando foram advertir os parlamentares que ainda resistem a votar a favor das eleições diretas. Provenientes de 12 Estados, elas criaram um fato político e mostraram que as massas femininas participam ativamente da campanha nacional pelas diretas-já.

Pela manhã, as mulheres visitaram gabinetes e residências de parlamentares do PDS. Segundo a jornalista Beliza Ribeiro, estes parlamentares estão sendo pressionados pelos seus próprios filhos e familiares, que pedem autorização para irem a comícios pró-diretas e os interrogam se vão mesmo votar contra as diretas-já. Luíza Eneida e Tereza Cristina Roris, esposas respectivamente do deputado Francisco Erse e do senador Claudionor Roris, ambos do PDS, estavam presentes à manifestação.

Pela tarde, as mulheres lotaram as galerias para escutar as palavras das deputadas federais do PMDB e do PT defendendo as diretas. Um dos discursos mais combativos foi da deputada Júnia Marise, do PMDB, que afirmou: "Chegou a hora das diretas-já. Qualquer outro posicionamento será traição à democracia". A deputada Cristina Tavares clamou as presentes a prosseguirem até o fim a luta das diretas-já.

Do lado de fora do Congresso, diversos oradores, na maioria mulheres, falaram durante duas horas para um público de 6 mil mulheres, inclusive funcionárias dos ministérios, que cobriram a tarde de amarelo.

Mais de mil mulheres haviam chegado de outros Estados. As 800 de São Paulo nem tiveram descanso, saindo direto da grandiosa passeata de segunda-feira para Brasília. No caminho tiveram de se submeter à impertinência da polícia, que reteve arbitrariamente diversos ônibus, só os liberando depois de conseguir atra-

OPINIÃO

Mulheres: já!

A caravana das mulheres à Brasília representou um marco na participação feminina na luta política. Pela primeira vez, mulheres de diversas tendências e extratos sociais mostraram sua unificação nacional em torno de uma bandeira, as diretas-já.

As mulheres são um dos setores com mais dificuldades de se mobilizar, devido à opressão milenar de que são vítimas, confinadas às quatro paredes da casa ou discriminadas social e econômica e politicamente. Uma mobilização como esta significa um grande avanço não só no movimento feminino, como no movimento popular como um todo. É um indicio evidente de que as diretas-já constituem hoje uma reivindicação sentida do povo brasileiro.

sar a viagem. Coisa semelhante ocorreu com caravanas de Goiás, Minas e outros Estados.

Apesar do cansaço e das dificuldades, as mulheres acharam que valeu a pena. Dona Francisca Arcebispo dos Santos, viúva, 54 anos, dez filhos e quatro netos, foi para a passeata de São Paulo de mala na mão. "Vou para Brasília — disse — porque precisamos melhorar a situação. Todos os meus filhos são contra o Figueiredo. E as mulheres precisam estar nessa luta para mudar a situação do Brasil".

Como afirmou a vereadora Jussara Cony (PMDB de Porto Alegre) a manifestação foi fundamental "não só para mostrar o papel que a mulher joga no movimento, como para promover o próprio avanço e organização das mulheres". (Olivia Rangel e Fernando Tolentino)



Bandeiras do Brasil e faixas do PC do Brasil ajudaram a colorir o comício

Emergência vaiada por 100 mil

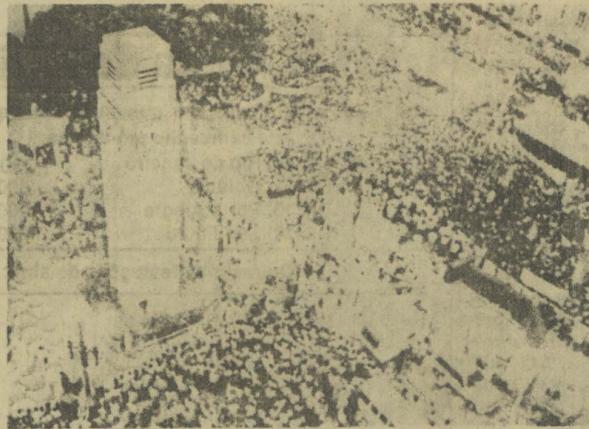
O comício pró-diretas-já em Vitória do Espírito Santo, na noite de quarta-feira 18, foi o primeiro a receber o impacto da decretação das medidas de emergência em Brasília e vários municípios de Goiás. A reação do povo foi comparecer maciçamente: perto de 100 mil pessoas se concentraram na Praça 8 de Setembro. E mostraram uma disposição de luta excepcional, como ficou claro quando a atriz e deputada estadual Ruth Escobar (PMDB-SP) pediu "um minuto de vaia ao Colégio Eleitoral e à decretação das medidas de emergência".

A furibunda reação do governo Figueiredo à campanha pelas diretas-já foi assunto obrigatório de todos os oradores — entre os quais representantes de mais de 20 entidades, a cantora Beth Carvalho, representantes dos governadores Tancredino Neves e Leonel Brizola, o presidente nacional do PT, Lula, e por fim o go-

vernador Gérson Camata. Falaram também três representantes do PDS em apoio às diretas-já, entre os quais o deputado federal Theodorico Ferraz, líder do Grupo Pró-Diretas do PDS no Congresso Nacional, bastante aplaudido pelo público.

Em compensação, não faltaram vaias ao ex-governador Elcio Alves, para o povo um símbolo local do regime dos militares.

Num clima democrático, em que o espaço no comício harmonizava-se com o esforço desprendido na mobilização de massas, foi garantida a palavra a três porta-vozes das Comissões pela Legalidade do PC do Brasil, ao nível municipal, estadual e nacional. Ronald Freitas, que falou pela Comissão Nacional, destacou que quem anda com medo são os generais e não o povo. "Oito dias — disse Freitas — nos separaram da votação da emenda Dante de Oli-



Cerca de 100 mil foram às ruas de Vitória exigir diretas-já

veira. Os generais, ao decretarem mais este ato de violência contra a Nação, mostraram medo e desespero. Porque eles mesmos sabem que o povo quer diretas-já como forma de dar um basta ao imperialismo, à corrupção, à trai-

ção nacional, ao arbítrio e à fome".

Desta forma, o comício de Vitória valeu como atestado de que a campanha prosseguirá, com ou sem emergência, até alcançar sua meta. (da sucursal)

Povo fez UNE falar no comício de Goiânia



O comício realizado no dia 12 de abril em Goiânia, que contou com mais de 300 mil pessoas (ao fecharmos a edição passada, antes do término do comício, havia 200 mil pessoas nas ruas) foi um grande sucesso. Apesar disso, houve pontos negativos: a discriminação dos movimentos populares e partidos que lutam pela legalidade, se acumulando na falta de democracia na escolha dos oradores, na retirada de bandeiras e faixas.

As reivindicações de entidades e movimentos populares foram im-

pedidos de se manifestar, apesar de participarem do Comitê Pró-Diretas e terem dado sangue na preparação da manifestação.

DIREITO DOS ESTUDANTES

Um exemplo dessa discriminação ocorreu com Acildon Pae, presidente da União Nacional dos Estudantes. Os organizadores do ato tentaram impedir a palavra da UNE. Quando falou o último orador, o governador Iris Resende, a intenção oficial era ter-

minar o ato com um show de artistas.

Acildon, que durante todo o ato pressionou pelo direito de os estudantes terem voz, explicou a Belchior o problema. O artista, que se preparava para uma apresentação, subiu ao palanque com Fafá de Belém, levando junto o presidente da UNE. Belchior perguntou ao povo se o presidente da UNE devia falar. Pae foi recebido calorosamente e seu discurso, longamente aplaudido, acabou sendo o do encerramento do comício.

Maria Trindade, um exemplo de dedicação comunista

Ao completar 60 anos de idade, no dia 14 de abril, Maria Trindade, antiga combatente comunista, foi homenageada por seus companheiros gaúchos. Dezenas de operários, estudantes, populares, funcionários públicos, além de antigos companheiros, como o veterano dirigente João Amazonas, presentes à homenagem, deixaram Maria bastante emocionada.

João Amazonas recordou a trajetória de Maria Trindade, que há 30 anos milita nas fileiras do Partido Comunista do Brasil: "Maria é uma companheira em que podemos destacar três virtudes que lhe são características: a simplicidade, a abnegação e a capacidade de enxergar a verdade, sempre decidindo-se pelos interesses do proletariado. Ela é um desses parafusos a que Stálin se referia, sem os quais a máquina partidária não funciona. Uma companheira que sempre esteve disposta a cumprir as tarefas partidárias sem medir esforços e de maneira desprezível", ressaltou Amazonas.

Um outro a destacar suas qualidades foi Edson Silva, que afirmou: "Hoje, meus amigos, nos reunimos neste encontro informal, comemorativo dos 60 anos de Maria Trindade, para destacar sua inabalável dedicação e firmeza, consciente na defesa dos sagrados interesses da classe operária e de seu partido, consti-



Maria Trindade na chegada de Amazonas do exílio, em 1979

tuindo um vivo exemplo para todos nós". As intervenções dos presentes foram todas no mesmo sentido.

EXEMPLO PARA OS JOVENS

César, um estudante secundarista, lembrou com emoção o exemplo que Maria representa para os jovens que, como ele, se dedicam a batalhar contra o regime militar e por um porvir melhor para os trabalhadores brasileiros. Ana Maria, que falou em nome das mulheres, salientou o espírito de solidariedade sempre presente na homenageada e a bravura com que enfrentou as atrocidades dos torturadores, quando foi presa em 1976, por forte aparato policial, na chacina da Lapa.

Tomé, velho operário da construção civil e contemporâneo de Maria, afirmou que exemplos como o dela "é que nos mantêm na luta iniciada há muitos anos atrás e que um dia será vitoriosa". (da sucursal)

Sangue novo nos Metalúrgicos

Já estão inscritas as duas chapas que disputarão as eleições para a nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, nos dias 2, 3, 4 e 5 de julho. A Tribuna Operária entrevistou quatro membros da Chapa 1, Unidade na Luta (uma composição de parte da diretoria atual com destacadas lideranças de base).

Eustáquio Vital, 37 anos, é cipeiro na Metal Leve, importante empresa da Zona Sul, com 1.100 sindicalizados. Experiente líder sindical, participou em 1968 das greves em Contagem, Minas Gerais. Perseguido pelo regime militar, foi preso em 1974, em São Paulo, e torturado no Doi-Codi. Nas eleições de 1982 fez campanha para o operário Aurélio Peres, eleito deputado federal pelo PMDB. E no último pleito para o Sindicato dos Metalúrgicos, em 1981, apoiou a Chapa 3, União Metalúrgica, em oposição à atual diretoria. Já Neleu Alves foi um dos membros da Chapa 3. Sua atividade sindical vem desde 1965.

João Carlos Gonçalves, mais conhecido como Juruna, foi da coordenação Nacional da JOC (Juventude Operária Católica), de 1976 a 1979. Atualmente coordena a Pastoral Operária de Campo Limpo e é filiado ao PT. No ano passado, destacou-se por sua atuação na Villares, com 1.080 sócios, participando de quatro greves. Em 1981, trabalhou in-

Chapa 2: sectária e pouco representativa

A Chapa 2 que concorrerá ao pleito do Sindicato dos Metalúrgicos foi formada no último dia 8, numa convenção em que ficou visível o clima de hostilidade e divisão. O grupo "Luta Sindical", conhecido por sua prática de paralelismo sindical, conseguiu eleger o presidente da chapa, o programador de produção Hélio Bombardi, da pequena empresa Irlemp.

O sectarismo desta corrente acabou resultando numa chapa fraca, com pouca representatividade, privilegiando as pequenas fábricas. Lúcio, coordenador da Comissão de Fábrica da Ford e candidato a presidente da Chapa, foi vítima desta articulação, sendo derrotado num pleito secreto. Segundo Valdemar Rossi, que defendeu Bom-

bardi para a presidência, este "nunca vacilou, sempre defendeu as propostas da oposição. O Lúcio precisa de mais três anos de oposição para mostrar de que lado está". Anísio Batista, deputado estadual do PT, também jogou farpas contra o representante da Ford, afirmando que ele "não me convenceu que está realmente na oposição". No fundo demonstravam o caráter fechado e estreito da tal "oposição sindical".

No dia seguinte, as repercussões da convenção na Ford foram de repúdio ao sectarismo e à própria Chapa 2. Alguns membros da Comissão de Fábrica chegaram a exigir que Lúcio se retirasse da Chapa, articulando inclusive reuniões para respaldá-lo neste decisão.

tensamente para a Chapa 2, encabeçada por Valdemar Rossi. Xepa cujo nome é Néilson Aparecido Cardim, também apoiou a Chapa 2. Sua ação sindical é mais recente, eleito delegado sindical da Durater.

Na eleição passado todos vocês apolaram chapas de oposição à atual diretoria. Por que hoje vocês participam de uma chapa de composição com membros desta mesma diretoria?

Juruna é o primeiro a

responder: "A partir de 1982, mudou a prática sindical da entidade, que alugou seis subdesdes, fez um congresso bastante representativo da base. Na nossa greve, na Villares, notamos que a diretoria assumiu as decisões das massivas assembleias; foi democrática. Os companheiros da Villares sentiram estas mudanças e na consulta que fiz aconselham-me a entrar na Chapa 1.

NO CAMINHO DA LUTA

Sobre a chapa Unidade e

Luta, Juruna ressalva: "Não posso dizer que chapa seja perfeita, poderia ser melhor. Mas ela possibilita avançar ainda mais na ação sindical". E faz uma revelação: "Vários companheiros do PT acham que a composição é a melhor opção, sentiram os avanços, mas na hora da decisão pesou mais a questão partidária".

Vital concorda com esta avaliação, e acrescenta que o avanço no Sindicato dos Metalúrgicos foi fruto da própria situação política do país. "Antes a diretoria era imobilista, segurava as lutas da categoria. Mas com o agravamento da crise, o isolamento do regime militar e o crescimento das lutas operárias, só restavam dois caminhos à atual diretoria: ou ela assumia as lutas da categoria, ou preservava sua política imobilista e era ultrapassada, esmagada. Ela preferiu o primeiro caminho."

CHAPA MAIS AVANÇADA

"Entrei na Chapa porque ela é mais avançada, está aberta às propostas mais combativas", afirma Vital, que explica: "É uma chapa de frente, não é partidária. As idéias mais atrasadas, de volta ao sindicalismo imobilista, não têm espaço no seu interior".

Neleu Alves lembra que em 1981 concorreu pela chapa União Metalúrgica, "que tinha um programa de luta contra o regime militar e a exploração. Não era contra a diretoria, mas contra a prática imobilista. A partir de 1982, a situação mudou e a Chapa 1, no momento, reflete este avanço".

Xepa conclui: "Nas últimas eleições apoiou a Chapa 2 porque não via trabalho da diretoria. Nós exigimos subdesdes, diretores nas fábricas, democracia. E no geral isto foi conquistado nos últimos dois anos".

E qual a avaliação que você faz da Chapa 2?

"Não dá nem para chamá-la de chapa de oposição", arremata Vital, que raciocina: "Seus membros estão atrasados com relação aos avanços na sociedade e na categoria. Na preparação da greve geral do dia 21, quase não vimos estes companheiros nas subdesdes, ajudando. Depois fiquei sabendo que o Hélio Bombardi, que encabeça a Chapa 2, inclusive trabalhou no dia. Também não participaram do Congresso, onde mais de mil operários discu-



Estandartes, "pirulitos", camisetas: a presença organizada dos metalúrgicos no comício

Ação organizada na passeata das diretas

Causou impacto no meio da gigantesca manifestação pelas diretas, dia 16, a presença organizada dos metalúrgicos paulistas. Convocados pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, mais de 5 mil operários desfilaram pelo centro da capital, todos vestidos com camisetas azuis, carregando "pirulitos" e gritando palavras de ordem.

Próximo à Praça da Sé, na sede do Sindicato na Rua do Carmo, não paravam de chegar grupos de trabalhadores que, enquanto vestiam suas camisetas, discutiam a situação política do país. "Em 20 anos os militares mostraram que não entendem nada de povo", comentava um operário da Motorádio, acompanhado de outros 30 da mesma firma que saíram mais cedo do trabalho. "Outros 50 chegarão mais tarde", informavam. Conforme a sede ficava cheia, saíam as passeatas. Só da Rua do Carmo partiram três para o Anhangabaú: a primeira com 300 trabalhadores; a segunda com 500; e a última, já no final do comício, com 400. Outras caravanas, de regiões mais distantes, foram direto para o vale, como a da Zona Sul, com mil metalúrgicos.

A participação ativa da categoria se deu após uma semana de intenso trabalho, com comícios nas fábricas, distribuição de cerca de 500 mil panfletos e

120 mil jornais da entidade. Segundo cálculos do Sindicato, mais de mil ativistas participaram das reuniões finais de preparação do comício, feitas nas seis subdesdes. Nelas decidiu-se alugar cerca de 30 ônibus para facilitar o acesso ao centro.

FIGUEIREDO VAIADO

A proposta de emenda de Figueiredo foi recebida pelos operários com vaias e palavrões. "Esse negócio de eleição só em 88 é sonho do Figueiredo, que quer se manter no poder de qualquer jeito. Nós não aceitamos, tem que ter diretas-já nem que seja na marra", enfatizava um empregado da Barbara.

A iniciativa do Sindicato teve maior repercussão ainda no interior das fábricas, no dia seguinte. "Quem não foi se arrependeu e foi gozado, chamado de Maluf. Mas toda fábrica está em clima de euforia, não vê a hora de eleger um novo governo", comenta um operário da Zona Norte.

tiram a ação sindical e a situação política. Agora, na campanha das diretas, eles não fazem nada, dizem que é coisa de burguês e pelego.

A própria composição não reflete a ação sindical voltada para as grandes empresas. O Hélio trabalha numa pequena fábrica, a Irlemp, com 24 sócios, e é programador de produção, 'grava-

linha', como a peãozada chama'.

"GRUPO VICIADO"

Juruna se queixa de que "a maioria dos que formam a Chapa 2 não foram para as subdesdes que tanto reclamavam para cobrar a ação do Sindicato. Eles abandonaram a entidade, preferiram ficar isolados nas tais associações paralelas". Ne-

leu raciocina que "enquanto as portas do Sindicato se abriam, a tal oposição sindical se fechava, ficava mais estreita. Parecia obcecada: não via a luta contra os patrões, contra o regime, mas só o desgaste do Sindicato. Torcia por derrotas nas fábricas para ver o Sindicato enfraquecido. É um grupo viciado, sem representatividade".



Foto: L. Carlos Leite

Vital (foto menor), cipeiro na Metal Leve; greve na Villares, Sindicato assume decisões das assembleias

Chapa 1 dos Médicos vence em São Paulo

No dia 13 de abril, encerrou-se o terceiro escrutínio das eleições para a nova diretoria do Sindicato dos Médicos de São Paulo e a Chapa 1 — UTI — saiu vitoriosa. Dos 5.300 associados, votaram 3.246, dos quais 2.036 votos foram para a Chapa 1. A UTI venceu em todos os locais de grande concentração médica — com exceção da Santa Casa, onde foi derrotada por uma diferença de apenas dois votos. Para Jamil Murad, secretário-geral da nova diretoria, "esta vitória veio demonstrar o apoio ao trabalho que vínhamos realizando na entidade em defesa do profissional da saúde, vinculado também com a defesa de uma boa assistência médica ao povo e por sua atuação política."

Foto: L. Carlos Leite



Jamil, da nova diretoria eleita

Magistério encerra greve com êxitos

Mais de 20 mil professores da rede estadual de São Paulo, reunidos no Ginásio do Ibirapuera, encerraram a greve do magistério que durou quase duas semanas e conquistou algumas vitórias importantes. Os professores, diretores e supervisores saíram da greve de cabeça erguida, marcando nova assembleia para 26 de maio, prazo pedido pelo governador Franco Montoro para estudar as demais reivindicações dos grevistas.

A assembleia de terça-feira referendou o posicionamento das regionais do comando de greve, que desde o dia 12 votaram majoritariamente a favor da continuidade da luta mas com suspensão do movimento grevista.

O comando de greve, as entidades do magistério e a comissão de negociações também já vinham defendendo a suspensão temporária da greve desde a semana passada, baseados nos informes sobre o movimento nas regionais e no interior. Nos relatos dos professores ficou patente que em muitas cidades haviam voltado às aulas e em outras retornariam na segunda-feira, independente do resultado da assembleia.

Com este quadro, era evidente que o prosseguimento da greve esvaziaria o movimento e contribuiria para romper a unidade das entidades do magistério no Estado, construída ao longo da paralisação.

MANTER A UNIDADE

A assembleia de sexta-

feira, realizada no estacionamento do Ginásio do Morumbi após um ato em frente ao Palácio do Governo, não refletiu, no entanto, esta realidade. Era praticamente impossível na votação decidir quem tinha mais força: os que defendiam a continuidade ou os que propunham a suspensão da greve. Diante disso o comando preferiu adiar a decisão. Segundo reclamações de parte dos professores, principalmente do interior, isso ocorreu porque votaram estudantes, funcionários da USP, pais de alunos etc. Além disso, muitos professores, que participavam pela primeira vez de um movimento grevista, estavam convencidos de que conseguiriam "arrancar mais do governo" com a continuidade do movimento. Como declarou uma professora que não quis se identificar: "acho que não entendi que o movimento estava rachando. Mas hoje (terça-feira) considero que devemos parar. Compreendi melhor que tivemos uma



Cerca de 20 mil professores decidiram no Ibirapuera encerrar a greve

vitória parcial e que mantivemos o magistério unido".

De fato, na assembleia do Morumbi, com mais de 100 mil pessoas presentes, com som deficiente, era realmente impossível discutir as diferentes propostas. E a direção do movi-

mento não conseguiu explicar quais os ganhos da categoria, como as 5 referências, que significam um aumento de 27,5%, a contagem de tempo corrido para todos e a comissão paritária.

A intransigência de Fran-

co Montoro, que adiou até quinta-feira o atendimento de várias reivindicações do magistério, contribuiu para entornar o caldo. Criou um clima favorável para que os setores de direita, e alguns esquerdistas sectários, intentassem na desestabilização

do governo democrático, pusessem lenha na fogueira. A vacilação da direção também contribuiu para que os professores, confundindo a luta pelas diretas-já com o governo Montoro, tivessem uma participação débil no ato.

MORAL ELEVADO

A assembleia de terça-feira marcou o fim da greve, mas não da mobilização. O professorado entendeu isso e saiu de moral elevado. O comando decidiu também considerar os dias parados "como uma grande lição de luta e de democracia" para os alunos. Portanto não reporão as aulas. Professores, diretores e supervisores resolveram confraternizar com os pais e a comunidade que apoiaram a movimentação. E manter a vigilância para que a comissão paritária proposta pelo governador Franco Montoro contribua de fato para melhorar as condições salariais do magistério. Serão realizadas reuniões periódicas nas regionais para avaliar o andamento desta comissão.

A greve teve uma vitória econômica parcial. Porém manteve a categoria unida e representou, sem dúvida, um enorme avanço na consciência política do magistério paulista. (Olivia Rangel)



Figueiredo não é o dono desta nação!

Vai os meus agradecimentos pela boa criatividade e esforços com que tem se empenhado este conceituado semanário no sentido de que se conquiste a democracia neste país, este direito legítimo que nos tem sido negado pelos atuais detentores do poder. Os estrategistas do Planalto não estão de braços cruzados, não. A estas horas eles já devem estar com qualquer truque formado para combater a vontade popular.

Eu, no meu modo de ver as coisas, acho que devemos marcar

um dia e convidar todas as entidades de classes e, por meio destas, todo o povo, para enviar carta a todos os detentores do poder, inclusive parlamentares, convidando-os para aderir ao movimento das diretas-já. Se não, eles correrão o risco de, além de não conseguirem continuar no poder, ainda ficar marcados pelo povo e virem a perder os seus mandatos nas próximas eleições. Que ninguém pode ir contra o povo, que ninguém segura o povo e que o povo quer é eleições diretas-já. O objetivo da "revolução de 64"

foi simplesmente adquirir as rédeas do poder público para um pequeno grupo de privilegiados como se toda essa nação fosse propriedade de um pequeno grupo. Nós não somos objeto de ninguém e nem aceitamos essa condição. Quem vai ser nosso representante será homem escolhido por nós, pelo povo, e não escolhido arbitrariamente por um pequeno grupo.

Que o sr. presidente veja bem que ele é que está escolhendo o seu sucessor, como se toda esta nação fosse propriedade dele. (um leitor da T.O., Rio Maria, Pará)

Até quando vamos aturar o governo que aí está?

A presença do povo nas ruas em gigantescas manifestações exigindo as diretas já tem atormentado a oligarquia fardada. Os brasileiros já não estão suportando a carga que os generais e seus tecnocratas lhes jogam nas costas, e se existe um consenso neste país é no sentido de que saiam Figueiredo e o regime militar.

Os problemas agravam-se cada vez mais e alastra-se o descontentamento com o governo e entre suas próprias fileiras reina a confusão. Dentro deste quadro, pouco a pouco, criam-se as condições para a substituição do governo atual por outro, provisório, que represente o anseio democrático da imensa maioria do país. Afinal, até quando suportaremos desgoverno que, além de explorar o povo, dilapida o patrimônio nacional, entregando-o de mão beijada às multinacionais ou aos seus asseclas?

Os negros exigem eleições diretas já

Desde 7 de julho de 1978, data histórica da fundação do Movimento Negro Unificado, que a comunidade negra de São Paulo busca apoio para suas realizações. Hoje, o Movimento Negro Pró-Diretas vai para as ruas, como no dia 21 de março — Dia Internacional para Eliminação do Racismo, com o apoio de mais de 50 entidades democráticas e populares.

Foram mais de 2 mil pessoas

(negros, na maioria) que se concentraram no Largo do Paissandú em São Paulo. O ato foi ainda abrilhantado pelos cantores Ogonia Zambí; Bira, do grupo de dança afro primitiva Coro e Corpo; Sérgio Mota, Ulisses Gama, Biriba, e Genilson Silva com seu Hino das Diretas.

Para o Movimento Negro, o candidato à presidente da República deve respeitar a democracia e assumir palavras de ordem do

programa mínimo de nosso movimento: Contra a discriminação racial. Contra a violência policial. Contra a prisão cautelar e a pena de morte. Por uma Assembleia Nacional Constituinte livre, democrática e soberana. Pela legalização de todos os partidos "clandestinos". Pelo apoio à luta de todos os povos. Contra o Apartheid. (G.N., da Coordenação Estadual do Movimento Negro Unificado-São Paulo)

Uma fase amarga da história do Maranhão

Os maranhenses que votaram no governador do PDS do Maranhão já confessaram que estão arrependidos, por este homem estar dilapidando a já abalada economia do Estado. Até hoje ninguém sabe como este homem foi eleito: em cada oito eleitores, cinco votaram no PMDB.

Quando Luís Rocha assumiu o desgoverno que ele está promovendo, todos os funcionários estavam em dia com seus vencimentos. Hoje, eles passam de 90 dias atrasados, sem que o governador dê ao menos satisfação.

Até hoje, após 14 meses de governo Luís Rocha, ninguém conhece alguma coisa que ele tenha feito em benefício do povo.

O Estado passa a fase mais negra de todos os seus 372 anos de história. Os hospitais públicos estão arrasados: o Hospital Geral e o Socorrão estão prestes a fechar as portas por falta de recursos financeiros.

O slogan de governo deste homem é: "O Maranhão vai bem, obrigado", mas é mentira. Quem vai bem, obrigado, é o governador. Todos comentam que ele teria se apoderado ilicitamente de uma área nobre de São Luís, a Vila Fialho, onde dá para construir 1.000 casas populares. As suas mansões são comparadas a palcos milionários do cinema de Hollywood. E as fazendas dele? Ele tem uma em Goiás que cus-

tu, há um ano atrás, Cr\$ 100 milhões. Dizem até que este governador é "um tigre disfarçado de gato".

Vejam só: ele mandou fazer 5 mil placas, numa empresa de publicidade de seus familiares, para estender aos 132 municípios do Estado as notícias (mentiras) do seu governo. Cada placa custou Cr\$ 900 mil! Mas o que o povo está precisando é de comida e saúde, e não de placas. Enquanto isso, tem colégio público sem aula deste dezembro porque não foram pagas as contas de luz, e a eletricidade foi cortada. Será que o governador não tem vergonha de tudo isso? É muita cara de pau. (L.M.L.F. São Luís, Maranhão).



fala o POVO

Nossos leitores continuam a todo vapor na campanha das diretas. Isso numa semana em que realizou-se em São Paulo o maior comício da história do Brasil, exigindo o direito de voto para o povo. E, como destaca a carta do leitor maranhense, o povo quer um presidente de oposição aos militares que se encastelaram no poder. Vamos em frente, gente!

Outro movimento que chamou a atenção do público foi o dos professores, de Minas e São Paulo. Em ambos os casos os governos de oposição não estiveram a altura da mobilização da categoria. O que suscitou divergências dentro do próprio PMDB. Neste número publicamos a carta de um vereador mineiro, protestando contra a nota de Tancredo Neves criticando os professores, marcando sua independência. O movimento conquistou vitórias em ambos os Estados. (Olívia Rangel)

Campos é o espelho da miséria que assola o país

Diariamente dezenas de trabalhadores rurais de Campos solicitam ajuda para comprar alimentos ou providenciar o enterro de crianças que, no município, morrem mais que gado. De dezembro a maio, período da entressafra da agro-indústria açucareira, homens, mulheres e crianças, totalizando cerca de 35 mil, ficam desempregados. A mendicância cresce assustadoramente, assim como o número de assaltos, pequenos furtos, arrombamentos de residências e mortes por brigas.

No final do ano passado os camponeses começaram a invadir alguns armazéns. As famílias definham lentamente, devido à fome, e os pais, em desespero, abandonam mulher e filhos.

Nas favelas e casebres ainda existentes nos acieiros de cana, observam-se quadros dantescos. São crianças com verminoses, desinteria, anemia crônica, cheias de "perebas" que, quando brincam, revelam sua fraqueza física. Outros morrem lentamente em cima de esteiras ou camas improvisadas. São mulheres, com 25, 30, 35 anos, que aparentam 50, desesperadas a fazer um "grude" com trigo e água para alimentar os filhos. Homens embrutecidos por toda essa violência, desanimados da vida, entregando-se à bebida ou à marginalização forçada pelo poder econômico dos fazendeiros e usineiros.

Essa situação de miséria atinge metade da população inte-

riorana do Norte Fluminense, com seus 14 municípios e 800 mil habitantes. Na cidade de Campos, as favelas abrigam dezenas de milhares de pessoas, que são pegadas à laço na época da safra açucareira, para ganhar migalhas dos usineiros através de empreiteiros de mão-de-obra. A renda "per-capita" do Norte do Estado do Rio é menor que a do Nordeste.

Em Campos, 80% da terra agrícola está em mãos de 60 famílias, e os restantes 20% distribuídos entre 12 mil lavradores. Grandes áreas de terras foram griladas nos últimos 20 anos e nada é feito para que essa terra retorne às mãos daqueles que necessitam. Em 1982, a primeira invasão de terras urba-

nas por famílias expulsas do campo foi combatida com violência pela polícia. E as terras são do Estado. A polícia arrastava as mulheres pelos cabelos, jogava seus maridos e elas próprias na prisão e derrubava os arremedos de barracos diariamente. Mesmo assim cerca de 200 famílias conseguiram a posse. Esse episódio marcou época, e os operários entenderam que só organizados conseguem vencer uma batalha.

Certa vez Getúlio Vargas veio a Campos e, olhando a imensa planície, disse que o município era o espelho do Brasil. É realmente o espelho da miséria que assola este país, governado por despostas, testas-de-ferro da trilateral. (A.F., Campos, RJ)

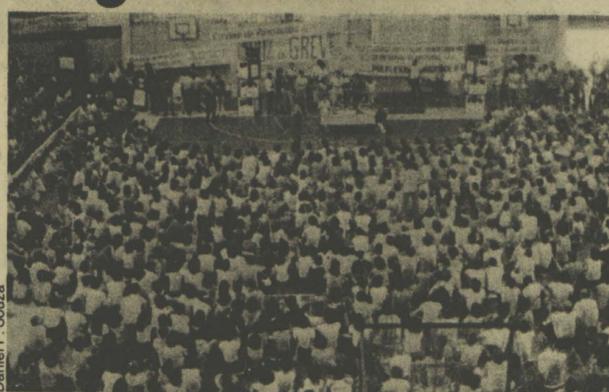


Greve não é subversão, senhor governador

Os professores e funcionários públicos de Minas estão em luta. As condições de vida e trabalho desta importante e sofrida parcela da população de nosso Estado vem se deteriorando de forma crescente, ao longo destes últimos anos. Sua dignidade profissional está sendo aviltada, sobretudo pelos baixos salários, incompatíveis com o desempenho de sua nobre missão e com sua própria sobrevivência nestes dias de inflação de 240%.

A atitude recente do governo do Estado que, em nota publicada na imprensa, acusa o movimento de ilegal, inoportuno e impatriótico e, indo mais longe, dirige ameaças claras de punição aos grevistas, merece de nossa parte surpresa, indignação e repúdio.

Surpresa, porque o governo que hoje dirige o nosso Estado, eleito pelo povo mineiro na base de compromissos democráticos e de oposição ao regime militar, utiliza os mesmos surrados argumentos reacionários



Os professores mineiros em greve: um direito legítimo

que estamos acostumados a ouvir da boca de ministros e generais nesses últimos anos. Greve, senhor governador, não é subversão. É uma forma de luta legítima dos trabalhadores para fazer valer seus interesses.

O movimento dos professores e funcionários é JUSTO, OPORTUNO e POLÍTICO e faz parte da grande luta do nos-

so povo por uma nova política econômica, pela democracia, pela liberdade e pelo fim do regime militar. Neste sentido, se soma às manifestações populares e democráticas pelas eleições diretas para Presidente da República e pelo fim do governo dos generais. (vereador Francisco Luciano, PMDB, Belo Horizonte, MG).

Mapri usa a crise para explorar mais

A Mapri é uma metalúrgica da Zona Oeste de São Paulo, que, aproveitando a crise, explora ainda mais os operários.

Enquanto o patrão fica na sua sala com ar condicionado, os operários trabalham numa temperatura de 45° centígrados; sem falar na fumaça e falta de ventilação.

A Mapri não fornece uniforme nem sapato apesar dos constantes acidentes de trabalho e embora por lei ela tenha que fornecer tudo isso gratuitamente. A empresa alega que está em crise e fica obrigando os

operários a fazer hora-extra, dizendo que temos que colaborar. Quem não concorda é ameaçado de ser mandado embora.

Aqui tem mais de cinco faixas de salário na mesma função, para dividir os operários. Na retilíca e outras seções as mulheres têm que pegar chave com o chefe de seção para ir ao banheiro. Quando aparece mulher grávida na seção o chefe procura humilhá-las e lhes dá serviço pesado.

No departamento médico só os gravatinhas é que têm vez. Os operários são obrigados a

trabalhar doentes por falta de atendimento. Quando alguém sofre acidente, os médicos fazem com que tem que trabalhar assim mesmo, se não fica marcado pelo patrão.

Os operários da Mapri têm uma trajetória de lutas. Nas greves da categoria a firma sempre parou e foi o carro chefe da região. Um exemplo foi na greve geral de 21 de julho de 83, onde também saiu na frente. Agora cresce nossa organização interna para dar um basta nesta situação. (grupo de operários da Mapri-São Paulo, SP).

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

União na base não concilia

A campanha pelas eleições diretas-já envolve diversas classes e categorias sociais. Em consequência, o movimento comporta interesses muito diversos. Para garantir que este conjunto tão heterogêneo permaneça numa linha combativa e unitária, a questão decisiva é a pressão de baixo para cima das grandes massas mobilizadas e organizadas aos milhões.

CONTRA A CONCILIAÇÃO

Nos comícios fica evidente o papel do povo na batalha. Qual o político que tem a coragem de falar no palanque defendendo a negociação com o regime militar? Por acaso o senador Afonso Camargo, que às escondidas foi tramado com o general Ludwig esta tal negociação, teria condições de justificar esta sua atitude diante de 1 milhão de participantes tanto no comício do Rio como em São Paulo? É claro que não. A unidade exigida pelos trabalhadores é de ação enérgica pelo fim do regime, pela conquista das diretas-já, e pela conquista da liberdade. Diante desta pressão, os vacilantes são neutralizados. Nas manifestações de massas, mesmo os que pensam em conciliar vêm-se forçados a empregar palavras contundentes, para manter o prestígio popular.

Mas não basta isto. A simples presença das massas pode impedir que a conciliação se explique nos comícios. No entanto, se as massas não estiverem organizadas, ficarão limitadas a este papel passivo. A situação exige que elas tenham condições para tomar a iniciativa. Tanto na preparação das manifestações como na forma como elas se realizam.

O MONOPÓLIO ENTRAVA

No Rio de Janeiro, por exemplo, ficou evidente que as cúpulas governistas só na reta final se lançaram na convocação do ato. E na hora de decidir sobre os oradores, houve uma séria disputa para impedir que houvesse um monopólio do governador. Em São Paulo, verificou-se a mesma coisa. Até poucos dias antes da manifestação de segunda-feira, o governo estadual emperrava a preparação pela indefinição, pela falta de empenho e pela tentativa de monopolizar as decisões. E no comício final, quando é mais do que evidente que o povo tem o direito de escutar seus líderes e representantes, o governo estadual teimou em restringir os oradores a um seleto grupinho, do qual os governadores e presidentes de partidos são os privilegiados.

O povo organizado na base pode impedir estes entraves. Através dos comitês locais unitários é possível aos trabalhadores forçar seu lugar na direção da campanha e imprimir-lhe sua perspectiva de luta. Os comitês podem convocar e organizar atos públicos, e interferir decididamente na orientação dos grandes comícios — tanto na preparação, como na realização. E podem exigir a representação popular na escolha dos oradores.

PRESEÇA ATIVA

Não se trata de abandonar as articulações por cima, nos comitês gerais, o que reduziria a representação popular. Pelo contrário, urge é dar força à voz do povo nas grandes decisões, o que só pode ser feito com êxito pela pressão de uma sólida organização dos trabalhadores em cada vila, cada empresa, cada escola. A consequência será uma vibrante participação popular nos grandes comícios. Não como presença passiva, mas como força organizada, capaz de imprimir o ritmo da luta política.

Se, além de apenas umas quantas bandeiras e faixas vermelhas do proletariado que servem para propagar a idéia revolucionária, tivermos milhares e milhões de punhos erguidos, organizados, com as mesmas palavras de ordem, os comícios terão outra força.

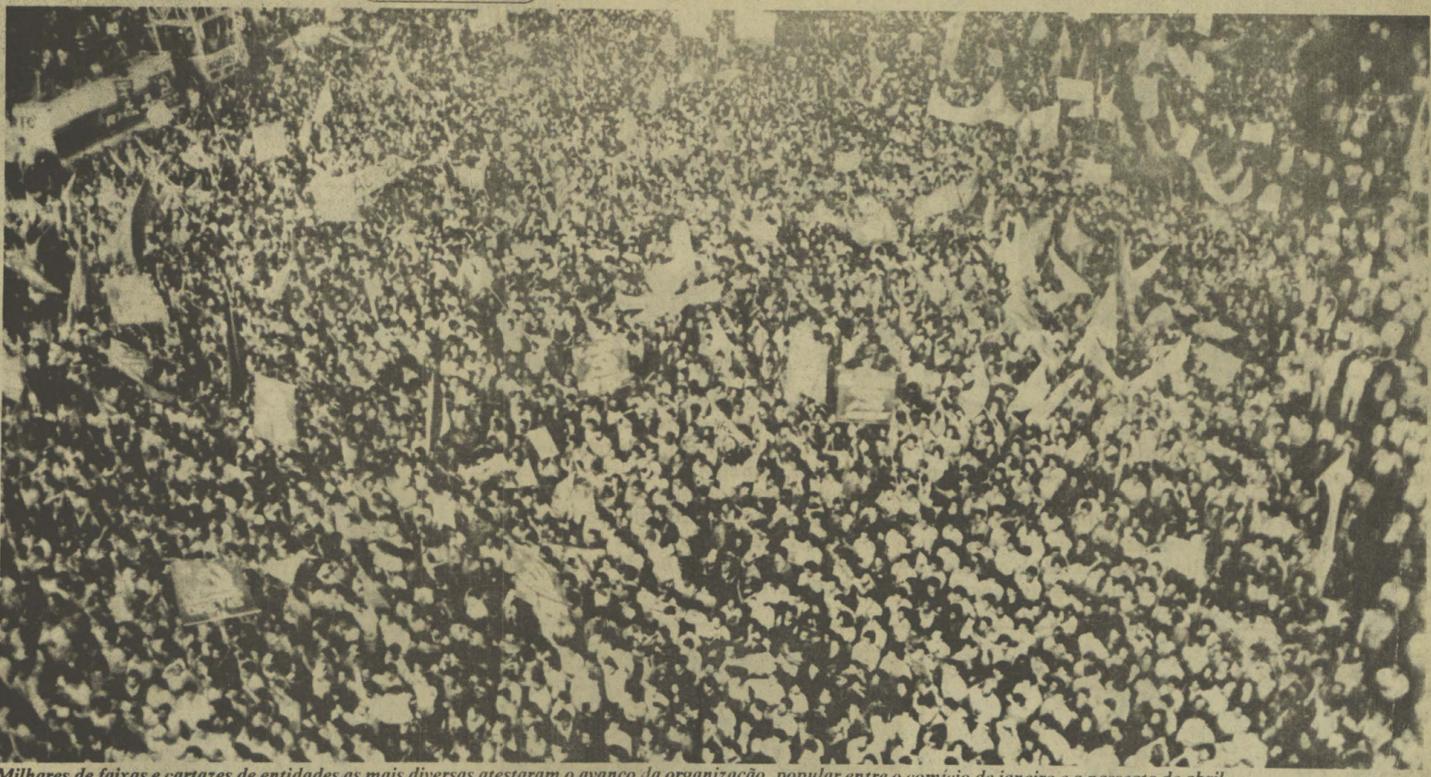


Foto: L. Carlos Leite

Milhares de faixas e cartazes de entidades as mais diversas atestaram o avanço da organização popular entre o comício de janeiro e a passeata de abril

São Paulo mudou desde janeiro

Para quem duvida que na vida de um povo há meses que valem por anos, basta ver São Paulo no comício-monstro dos 400 mil em janeiro e São Paulo na incrível passeata de 1,5 milhão no dia 16. A presença organizada e participante daquele mar de gente patenteia o quanto se avançou, apesar de os donos do palanque não terem dado mostras de percebê-lo.

A primeira mudança visível a olho nu era o contágio da moda amarela. Embora o guarda-roupa do povo só se renove lentamente nestes tempos de crise, muitos milhares deram um jeito de vestir a cor das diretas-já.

Igualmente visível, e mais significativo, era o avanço na organização popular, expresso nas faixas e cartazes. Eram milhares, produzidos por entidades de todo tipo, cada qual trazendo seu contingente de trabalhadores pelas diretas. O Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, mais potente, veio com 5 mil operários organizados (ver pag. 5). Os

Sindicatos dos Têxteis e Motoristas também vieram em passeatas.

A variedade, porém, foi estonteante. Havia faixas da Torcida Coação Corinthiano, da Associação de Capoeira Filho de Ogum Beira-Mar... A Federação das Associações de Moradores de Campo Limpo trouxe perto de 500 populares e uma banda. A Febem compareceu com 250. Os trabalhadores do Hospital Menino Jesus, 57, vieram em passeata. "Urgente: há vaga para presidente", proclamava a faixa dos publicitários. A participação organizada já existia no comício de janeiro, mas cresceu como uma bola de neve.

Outro elemento organizador foi a presença do movimento estudantil, que em janeiro estava de férias. Uns 200 alunos da Faculdade de Direito da USP, "fora os que estão na Sé", cantavam no Largo de São Francisco: "Se o Congresso não votar, olê, olê, olá, o pau vai quebrar". A Faculdade de Medicina do ABC desfilou em minipasseata. "Os filhos da PUC querem diretas-já; eleitores de todo o país, uni-vos", anunciava uma bem-humorada faixa no Anhangabaú. E os estudantes do Mackenzie levavam lacônicos dizeres em seus numerosos cartazes: "Mack: já!".

SALTO NA PARTICIPAÇÃO

A participação do público também atingiu um patamar novo. Em janeiro a massa humana agüentou chuva sem arredar pé, impávida e decidida, contudo poucas vezes manifestou-se em peso, como um só homem, como aconteceu seguidamente no 16 de Abril. Desta vez, os aplausos e as palavras de ordem se espalhavam por toda a quilométrica multidão, do Viaduto do Chá ao de Santa Cecília e do Teatro Municipal ao prédio do Banessa.

O mesmo valeu para as vaia. Quando Osmar Santos, o locutor das diretas, pediu a opinião dos presentes sobre o PDS, estourou uma vaia tamanha, que parecia destinada a ficar para a história como a maior jamais vista. Minutos depois, entretanto, explodia outra ainda maior, seguida de um sonoro e ritmado palavrão, de proporções igualmente inusitadas. Foi quando o governador Leonel Brizola fez saber ao público que Figueiredo anunciara sua emenda propondo eleições diretas só em 1988.

NAS MÃOS DO POVO

Tudo isso ganha relevo ainda maior quando se sabe que o empenho da direção do movimento ficou aquecido daquele que houve em janeiro. Houve demoras e vacilações sucessivas até a penúltima hora, por parte do governo do Estado e da Executiva Estadual Pró-Diretas (veja box abaixo). Desta forma, a sorte do movimento estava entregue no fundamental aos sentimentos, à disposição, à vontade e ao nível de consciência atingidos pelo povo de São Paulo.

A resposta só veio na tarde de segunda-feira, quando as minipasseatas, os grupos de amigos e colegas de trabalho, as famílias, as pessoas isoladas começaram a tomar conta do centro da cidade. Pôde-se ver, assim, até que ponto os comícios do Rio de Janeiro, Goiânia, Porto Alegre e outros haviam funcionado como poderosas convocatórias de massas. E também que a campanha, longe de confinar-se às idas e vindas das cúpulas partidárias, adquirira uma dinâmica própria, de massas, irrefreável como uma força da natureza.

Terminada a manifestação, em meio a fogos de artifício, boa parte do povo continuou na rua, cantando, dançando, esbanjando vitalidade. Num bar do centro, um soldado da PM comprava um broche pró-diretas de uma moça, "para usar quando não estiver fardado". O clima é de confiança na vitória. Dorgival, jovem trabalhador dos transportes que participou com a torcida comunista "Gaviões da Fiel", comentava: "Se não tiver direta, o que vai ser de nós? Se não for um governo eleito por nós, vai ser revolução na certa".



Bandeiras comunistas: pela luta unitária

A presença do PC do Brasil

Quando o incalçável locutor das diretas, Osmar Santos, perguntou ao público do Anhangabaú pela presença da "rapaziada do PT", da "rapaziada do PMDB" e "rapaziada do PC do B", consagrou uma realidade constatada por todo o público presente. O Partido Comunista do Brasil participou do 16 de Abril em igualdade de condições com as demais legendas oposicionistas — a despeito do regime reacionário negar-lhe o direito à vida legal, e da Executiva Pró-Diretas de São Paulo ter se curvado a essa imposição arbitrária, ao negar aos comunistas o direito à palavra.

O povo aplaudiu com força todas as referências aos partidos na clandestinidade, como a do cantor Taiguara, que os defendeu com ênfase. Mas sua simpatia pela legenda dos comunistas expressou-se também de formas bem concretas e desassombradas. As mais de 65 mil bandeirolas do PC do B pelas diretas-já passaram rapidamente para as mãos do povo (ver pag. 8), além de 15 mil selos.

No Vale do Anhangabaú, enquanto os manifestantes iam se aglomerando, um trio elétrico da Comissão pela Legalidade do PC do Brasil alternava músicas e discursos, ouvidos por um público que flutuava muito mas aumentava sempre. O povo em geral, e especialmente as massas trabalhadoras e exploradas recebiam a mensagem dos comunistas com absoluta naturalidade e até com entusiasmo. Poucas vezes ficou tão claro que os anos de torturas e assassinatos de militantes revolucionários, longe de deixar um saldo de intimidação, só aumentaram a admiração pelo partido da Guerrilha do Araguaia e da resistência intrépida ao fascismo, da luta pela liberdade, pela revolução e pelo socialismo proletário.

As numerosas faixas, bandeiras e estandartes vermelhos do Partido Comunista do Brasil não coloriram a passeata no sentido de concorrer com as cores nacionais ou com o amarelo das diretas-já. Marcaram, sim, o engajamento integral do partido na luta unitária pelas diretas-já. E foram recebidas de braços abertos. Ao fim do comício, numa cena comovente, um senhor já idoso, vestindo um terno surrado, aproximou-se de uma dessas bandeiras, beijou-a e foi-se num teste no chão, como se fosse uma criança. Comunistas têm raízes fincadas bem fundo na consciência popular.



Só os presidentes dos partidos e os governadores puderam falar ao povo

Rua lotada, palanque vazio

Em contraste com o recorde absoluto de povo na avenida, a manifestação de São Paulo assinalou um recorde negativo de presença no palanque.

Apenas os governadores de Minas, Rio e São Paulo, os presidentes nacionais do PDT, PT, PTB, PMDB e alguns artistas falaram. Exceto estes, todos, representantes de entidades ou de partidos não-legalizados, foram ceceados em seu direito à palavra e confinados numa lateral do palanque. A extremada discriminação ficou mais evidente por ser claro, pelas faixas, cartazes, minipasseatas e palavras de ordem, que os silenciados eram os principais responsáveis pelo êxito da manifestação.

A atitude foi tomada após sucessivas reuniões da Coordenação do Comitê Pró-Diretas de São Paulo, que se estenderam até o próprio dia 16. Nestas, a maioria dos 15 componentes da Coordenação defendeu postura mais democrática. Mas esbarrou na negativa peremptória do governo Montoro, assim como na ambigüidade dos representantes do PMDB, PTB, PDT e em especial o PT, o qual não correspondeu com atos às palavras em defesa dos partidos na clandestinidade, proferidas por Lula ao microfone. Em protesto, as entidades preteridas e a Comissão pela Legalidade do PC do B declaram do direito de usar a palavra no palanque secundário, montado sobre um trio elétrico na Praça da Sé, antes da passeata.

"É injusto e até esquisito os Sindicatos e as Associações de Moradores, que mobilizaram o povo,

não terem direito à palavra" — comentava no dia seguinte Jaime José da Cunha, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo: "O povão, os sindicalistas só serviram de público para as cúpulas, os grandes políticos, quando muitos destes políticos tentaram tirar o corpo fora na preparação do ato, inclusive o Montoro". Um operário da Zona Oeste acrescentava: "Fomos nós que trabalhamos, que fomos de madrugada para a porta das fábricas. Na hora de falar, só falaram os partidos. Dava para a gente falar coisa melhor. Para mim não houve nenhum bom discurso. Só repetiam". Outro metalúrgico, Elísio Rocha, concordava: "Eu queria ouvir a dona-de-casa falando da carestia, o operário falando do arrocho e da falta de liberdade nas fábricas".

Presente no palanque do comício de São Paulo, como nos do Rio e de Porto Alegre, o dirigente comunista João Amazonas considerou as restrições "o cúmulo do cupulismo". E destacou que "a campanha por eleições diretas-já não tem dono e não tem partido".

A conduta discriminatória corrobora todo um processo de vacilações do governo Montoro e das direções regionais dos partidos. Primeiro, tentou-se suspender o ato. Depois, fazer um "passeio cívico" de dimensão modesta, sem ajuda oficial nem discursos. O eco do comício do Rio frustrou estes planos, mas não eliminou a concepção que os informava — que resultou em um palanque fraco, miniguado, pouco representativo, para uma manifestação que merecia coisa muito melhor".

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo - CEP 01316
 Telefone: 36 7531 (DDD 011). Telex: 01132133 TLOPBR.
 Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira
 Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel.

ALAGOAS: Arapiraca: Praça Marques da Silva, Ed. Artur F. Neto, Apto 312 — CEP 57500. Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183 — Centro — CEP 57000.
AMAZONAS: Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saúde) — Caixa Postal 1439 — CEP 69000.
BAHIA: Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12 — CEP 42800. Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 — Centro — CEP 44100. Ilhéus: Av. Juacy Magalhães, 180, Sala 204 — CEP 45600. Itapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar — Centro. Juazeiro: Rua Américo Alves, 6-A — CEP 44060. Salvador: Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro — CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (prédio da antiga Cineclube) — CEP 43700.
CEARÁ: Fortaleza: Rua do Rosário, 313, sala 203 — CEP 60000. Iguatu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar — CEP 37500. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 — CEP 62100.
DISTRITO FEDERAL: Brasília: Edifício Vênus IV, sala 312 — CEP 70300.
ESPIRITO SANTO: Cachoeiro do Itapemirim: Praça Gerônimo Monteiro, 89, sala 2 — Centro — CEP 29300. Vitória: Rua Francisco Araújo, 77 (esquina com escadaria Cleto Nunes) Centro — CEP 29000.
GOIÁS: Goiânia: Rua 27, nº 69 — Centro — CEP 74000. Formosa: Rua Emílio Póvoa, sala 4 — CEP 77200.
MARANHÃO: São Luís: Rua da Saavedra, 99 — Centro — CEP 65000.
MATO GROSSO: Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548. Fone: 321.5095 — CEP 78000.
MATO GROSSO DO SUL: Campo Grande: R. Antonio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15 — CEP 79100.
MINAS GERAIS: Belo Horizonte: Av. Amazonas, 491, sala 817. Fone: 224.7605 — CEP 30200. Juiz de Fora: Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411 — CEP 36100.
PARÁ: Belém: Rua Aristides Lobo, 820 — Centro — CEP 66000.
PARANÁ: João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540, 2º andar, sala 201 — Caixa Postal 100 — CEP 58000. Campina Grande: Rua Venâncio Neiva, 318, 1º andar — CEP 58100.
PARANÁ: Curitiba: Rua Martin Afonso, 370 — CEP 87000. Londrina: Rua Serpente, 691, salas 7 e 8 — CEP 86100.
PIAUÍ: Teresina: Rua Elísio Marinho, 1130, 1º andar — CEP 64000.
PERNAMBUCO: Cabo: Rua Vigiário Batista, 236 — CEP 54500. Garanhuns: Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3 — CEP 55300. Recife: Rua Sossogo, 221, Boa Vista — CEP 50000.
RIO GRANDE DO NORTE: Natal: Rua Fonseca e Silva, 1098, sala 202 — Alecrim — CEP 59000.
RIO GRANDE DO SUL: Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, sala 29 — CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dal Canale, 1891, 2º andar. Fone: CEP 95100. Flores da Cunha: 1235, sala 20. Aberto depois das 16 horas e sábados das 9 às 12 horas.
RIO DE JANEIRO: Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208 — CEP 20000. Rio de Janeiro: Rua Garibaldi, 155, loja F. Madureira — CEP 20000.
RIO DE JANEIRO: Av. Amaral Peixoto, 370, sala 807 — CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 — CEP 25000. Nova Iguaçu: Av. Marechal Floriano, n. 2248, sala 4 — CEP 26000.
RORAIMA: Boa Vista: Rua Aferees Paulo Saldanha, 625 — Bairro São Francisco — CEP 69300.
SÃO PAULO: Campinas: Rua Regente Feijó, 592 — CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180, 1º andar — CEP 17500. Osasco: Rua Tenente Avejar Peres de Azevedo, 25, 2º andar, sala 12 — CEP 06000. Piracicaba: Rua XV de Novembro, 728, sala 3 — CEP 13400. Ribeirão Preto: Rua Serpente, 119 — CEP 14100. Santos: Av. Dom Pedro II, 7 — CEP 11100. Santo André: Travessa Lourenço Rondinelli, 35 — Centro — CEP 09000. São Bernardo do Campo: Av. José Arthur da Rocha Moreira, 61 — Ferrazópolis — CEP 09700. São José dos Campos: Rua Sebastião Humel, 185, sala 7 — CEP 12200. Taboão: Rua Anísio Ortiz Monteiro, 41 — Centro — CEP 12100. SERGIPE: Aracaju: Rua Araú, 599 — CEP 49000.
A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e impressa por Proposta Editorial, Rua Heitor Penteado, 236 loja B — Tel. 263.7400 — São Paulo, SP.

Este povo fez a maior passeata da nossa terra

Com mais de 1,5 milhão de participantes (1,7 milhão anunciou o apresentador Osmar Santos), a marcha de São Paulo pelas diretas-já, segunda-feira dia 16, assinalou uma virada na ação política do povo. Não se trata apenas do número de pessoas na rua, jamais visto.

A organização popular, a presença ativa das entidades, a criatividade, a alegria, a garra também bateram recordes históricos. E acima de tudo a disposição unânime daquele mar de gente, de acabar com o reinado dos generais e dar um rumo novo ao Brasil. Depois do 16 de abril em São Paulo, do 10 de abril no Rio, o país já não é o mesmo. O povo na rua feriu de morte o regime militar. Algumas cenas da manifestação atestam as dimensões desta reviravolta.



Domingos de Abreu

Teotônio Vilela: presente!

Um dos pontos altos da manifestação foi quando Fafá de Belém interpretou "Menestral das Alagoas", acompanhada com emoção e entusiasmo pela grande maioria dos presentes. A música, agora consagrada formalmente pela Coordenação Nacional da campanha como Hino das Diretas, não foi porém a única homenagem a Teotônio Vilela, o Senador da Anistia, que inspirou o compositor Milton Nascimento. Um gigantesco boneco de Teotônio, feito de pano e isopor e montado sobre uma estrutura metálica, acompanhou a passeata e abriu caminho entre o público, até perto do palanque. Foi a contribuição da AQC (Associação dos Quadristas e Caricaturistas), que também levou à avenida cartazes montados com charges.

Bonecos por sinal não faltaram. No Largo de São Francisco, um casal de 4 metros de altura sambava pelas diretas. No Anhangabaú, um velho desdentado, confeccionado em pano, trazia no peito um cartaz: "1964-1984; nem praga de mãe dura tanto". Três enormes bonecos vestidos de presidiários, Figueiredo, Maluf e Delfim, trazidos pela Tribuna Operária para serem expostos à execração popular, terminaram destruídos pela multidão depois que o comício começou. A cabeça de Maluf ainda ficou uns bons minutos sendo jogada de um lado para outro, além de sucumbir no meio da multidão.



Foto: L. Carlos Leite

"O candidato é o povo"

Sócrates, que discursou duas vezes na Sé e falou também no Anhangabaú, assumiu, perante a torcida imensa, que caso as diretas vençam desistirá de ser contratado pelos italianos para ficar no Brasil — "o meu país, o nosso país". Em entrevista à TO, o craque mostrou sua visão lúcida e coerente sobre esta luta:

"Minha geração nunca teve nada disso. Este ano é que a gente tem tido oportunidade de participar de alguma coisa tão grande. O povo brasileiro está dando uma aula de civilidade, de consciência. Eu procuro imaginar o dia em que a gente tiver escolas. Vai ser um negócio maravilhoso". Sobre a votação do dia 25, o doutor avalia: "Todos nós estamos aqui porque acreditamos que um dos passos para nosso futuro é podermos, não só eleger o presidente da República, mas também ter uma abertura econômica e uma Assembléia Nacional Constituinte. Independente do resultado da votação, o caminho está pronto. Pode demorar um mês ou dois, mas vamos lá. Nós vamos brigar para termos o nosso espaço".

Quanto a candidatos, Sócrates é tachativo: "O grande candidato é o povo brasileiro. Não interessa quem vai chegar lá. Ele vai ter que governar de acordo com a vontade e opção do nosso povo".



Foto: L. Carlos Leite

"Sinfonia das Diretas": o maior coro do planeta

O maestro Benito Juarez comandou a Orquestra Sinfônica de Campinas e um coro de mais de 1 milhão de pessoas na "Sinfonia das Diretas nº 1", variações em torno das "Diretas-Já". Apresentou também músicas de Beethoven, Strauss, Chico Buarque, Milton Nascimento, e outros. Ao final do concerto em praça pública, declarou entusiasmado: "Nunca na história do planeta uma orquestra tocou pra tanta gente, ao vivo. Dizem que a música clássica é coisa de elite, mas tocando pra tanta gente, trabalhadores, o povo em geral, nós sentimos que isso compensa. A Sinfônica é uma riqueza, que tem que estar com o povo. E estando com o povo, está com as diretas. Por isso a Sinfonia das Diretas nº 1 é de autoria do povo brasileiro".



Domingos de Abreu

Para muitos, foi uma manifestação em família

Num banco da Praça da Sé, o baiano Joaquim da Cruz Rodrigues, pedreiro desempregado, aparentando bem mais que seus 33 anos de idade, espera a passeata começar. Junto estão a mulher e o filho caçula, sorridente com tanta novidade. Joaquim não ri. Acaba de internar sua filha de dois anos no Hospital Sírio-Libanês. Mas fez questão de participar da manifestação antes de retornar ao longínquo Parque São Rafael, na periferia Leste da cidade. E ressalta: "Esse presidente que está aí só quer saber de nos humilhar e fazer passar fome".

O mineiro Florentino Pereira, ex-lavador, hoje peão de obra, é outro que veio com a família: sua mãe e dois sobrinhos pequenos. "A gente está sofrendo muito — comenta —. Eu sou um cara que não conheço nada, mas ainda não enxerguei nada de bom nesse governo".

Dona Leonor, 60 anos, dona-de-casa no Ipiranga, tem dois dos seus três filhos na passeata, que é a primeira manifestação política de toda a sua vida. No fim dos discursos, outra família penetra na área do Viaduto do Chá reservada à imprensa, de onde se enxerga melhor. O filho, um jovem de seus 20 anos, quer ir embora. Mas a mãe, comovida até as lágrimas, grita as palavras de ordem, não cabe em si. Ela nunca veio a uma manifestação, como a grande maioria dos presentes. Mas no futuro, virão.



Foto: Maria Seia

O sindicato que levou mais operários

Vestindo camisetas azuis com o emblema do Sindicato, carregando faixas com os nomes das fábricas e "pirulitos" com o símbolo das diretas, os metalúrgicos da capital paulista evidenciaram sua organização e garra na luta pelas eleições diretas e pelo fim do regime militar. "Chora Figueiredo, Figueiredo chora, que está chegando a sua hora", cantavam os operários da primeira passeata de metalúrgicos que chegou a praça da Sé, recebida com grande vibração pelos manifestantes que viam os operários desfilar organizados. "Não dá mais pra agüentar o Delfim roubando os nossos salários; o Passarinho dando uma de abutre contra os aposentados; o Figueiredo falando para as paredes, como se estivesse caducando. Este governo não tem perdão", afirma um operário da Zona Oeste. Sem dúvida a entidade sindical dos metalúrgicos jogou peso na mobilização da gigantesca categoria, com comícios nas fábricas, panfletagens e cerca de 30 ônibus alugados. Segundo seus cálculos, mais de 5 mil trabalhadores da base participaram de forma organizada do comício, além de tantos outros que vieram por conta própria.



Domingos de Abreu

Um estandarte de batalha

Um grupo de nisseis e sanseis (filhos e netos de japoneses) levou para a avenida estandartes na língua de seus antepassados, e todo mundo entendia o que estava escrito: diretas já. Um deles explicou que, no Japão, era costume os cavaleiros levarem bandeiras daquele gênero antes de começar uma batalha. Outro citou seu pai, japonês e veterano de guerra, que sempre usava um exemplo de que todo mundo



Domingos de Abreu

Alta procura de bandeiras do PC do B

Várias dezenas de milhares de bandeirinhas vermelhas com os dizeres "Diretas Já", assinadas pelo Partido Comunista do Brasil, foram intensamente disputadas pelo público. A grande maioria das barracas de camelôs, sorveteiros, pipoqueiros, trazia uma ou mais bandeirinhas. Crianças e velhos, homens e mulheres, famílias inteiras as agitavam nas mãos, ou levavam no bolso, no chapéu, no cabelo. A distribuição foi feita por voluntários que se apresentavam espontaneamente, e logo voltavam pedindo mais. As bandeirinhas se espalharam pelo comício, viajaram depois para todos os bairros, despertando comentários e simpatia, e nos dias seguintes ainda podiam ser vistas, espetadas em ônibus ou nas casas da gente simples. Foi a mais eloquente demonstração de que hoje, no Brasil, o anticomunismo está confinado ao regime e às classes abastadas.